

ANUÁRIO

2014 • 2015

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
VENDA PROIBIDA

www.cepea.esalq.usp.br/hortifruti



PROJETO MELANCIA

A Hortifruti Brasil presenteia o setor com mais uma cultura em 2015

Vamos além para produzir e alimentar mais.

A DuPont disponibiliza tecnologias de alta performance através do Programa Batata, que contribuem para melhorar a qualidade e a produtividade da sua lavoura. E você pode comprovar a eficiência nos campos tratados nas regiões produtoras de batata no Brasil. Para ir além mais uma vez, descubra DuPont Programa Batata.

Tradição e confiança na obtenção dos melhores resultados.



ATENÇÃO: Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO. Produto de uso agrícola. Faça o Manejo Integrado de Pragas. Descarte corretamente as embalagens e restos do produto.

Copyright © 2014 DuPont. Todos os direitos reservados. DuPont Oval Logo, DuPont™ e todos os produtos mencionados com ® ou ™ são marcas ou marcas registradas da E. I. du Pont de Nemours and Company ou de suas afiliadas. Kocide® WDG: marca registrada no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) como Kocide® WDG Bioactive. Nov/2014



DuPont Programa Batata

**DuPont™
Equation®**
fungicida

**DuPont™
Curzate®**
fungicida

**DuPont™
Midas® BR**
fungicida

**DuPont™
Kocide® WDG**
fungicida

**DuPont™
Rumo® WG**
inseticida

**DuPont™
Premio®**
inseticida

**DuPont™
Lannate® BR**
inseticida



PREVENÇÃO

Prevenção da lavoura proporcionando vigor e qualidade desde o início.



PERFORMANCE

Eficiência na utilização de produtos de alta performance, com resultados comprovados.

Para mais informações:

TeleDuPont 
0800 707 55 17 Agrícola
www.dupontagricola.com.br



Margarete Boteon



Letícia Julião



Lucas Araújo



Gabriela Rasera



João Paulo Deleo



Júlia Garcia



Matheus Reis



Amanda Pereira



Renata Sabio



Carolina Nogueira



João Gabriel Dumbra



Isadora Palhares



Renato Ribeiro



Larissa Gui Pagliuca



Felipe Cardoso



Bruna Silva



Fernanda Palmieri



Fabrício Zagati



Amanda Rodrigues



Flávia do Nascimento



Daiana Braga





MELANCIA: A DÉCIMA TERCEIRA CULTURA NA PAUTA DA HF BRASIL

Neste fim-de-ano, a **Hortifruti Brasil** presenteia o setor hortifrutícola com o seu mais novo projeto: pesquisas sobre o mercado de melancia! Esta é décima terceira cultura do portfólio da equipe Hortifruti/Cepea, que há 14 anos pesquisa e divulga ininterruptamente informações sobre o mercado de frutas e hortaliças. A inclusão da melancia se baseou em levantamentos de opinião realizados com nossos leitores e, adicioná-la ao escopo das nossas pesquisas, passou a ser o novo desafio da **Hortifruti Brasil** para 2015.

O Projeto Melancia ainda está no início, mas muito já foi feito para que, neste final de ano, possamos anunciá-lo. Em parceria com a Syngenta, os pesquisadores responsáveis pela inclusão desta fruta ao grupo da **Hortifruti Brasil** foram a campo ao longo de 2014 em importantes regiões produtoras de melancia do Brasil. Conheceram de perto a produção e a comercialização desta fruta, ao mesmo tempo em que iam apresentando o Projeto Hortifruti/Cepea aos produtores, engenheiros agrônomos e comerciantes da fruta.

A partir desse levantamento de campo, a equipe Hortifruti/Cepea definiu que, a princípio, suas pesquisas se concentrarão nas melancias graúda (maior de 12 kg), média (10 a 12 kg) e miúda (7 a 10 kg), com semente, produzidas em cultivo convencional. Nesta primeira etapa do projeto, a apuração de informações será realizada no interior do estado de São Paulo (região de Marília/Itápolis), em Uruana (GO), Lagoa da Confusão (TO), Teixeira de Freitas (BA), Arroios dos Ratos, Encruzilhada do Sul e Bagé (RS), além da Ceagesp. No próximo ano, deverão ser ampliadas as regiões de coleta e, provavelmente, a melancia sem semente. Portanto, entre em contato conosco caso queira ser um colaborador do mercado de melancia, mesmo que a sua região não esteja na primeira etapa do nosso projeto. Todos são bem-vindos! Para conhecer melhor do Projeto Melancia, leia nossa apresentação na página 16.

Além deste lançamento, como de costume, trazemos para você no **Anuário 2014-2015** os principais acontecimentos do mercado das 12 frutas e hortaliças já acompanhadas e perspectivas para 2015. Por mais um ano, não teve como fugir: o clima acabou “pegando para valer” o setor hortifrutícola, interferindo no calendário de produção de muitas culturas, na oferta e na qualidade dos produtos.

Para encerrar o ano, gostaríamos de agradecer imensamente todos os nossos colaboradores e parceiros. Nosso trabalho é realizado graças a Você, que confiam na nossa equipe e colaboram com valiosas informações que contribuem com desenvolvimento da hortifruticultura!

Que 2015 seja um ano cheio de realizações para todos nós!

Equipe Hortifruti Brasil



Ana Luisa
Pacheco



Caroline
Lorenzi



Felipe
Vitti



Gente bonita come fruta feia!

Por Daiana Braga

Recentemente abordamos na Radar HF que uma rede de supermercados da França tem promovido em suas lojas a venda de frutas e hortaliças julgadas como “feias”, com valor de mercado bem menor em relação aos seus respectivos “bonitos”. Pelo jeito, vender produtos feios é uma tendência que veio para ficar, pelo menos na Europa! A cooperativa Fruta Feia – Gente Bonita Come Fruta Feia, de Portugal, completou um ano em novembro deste ano e tem o propósito de combater os desperdícios com alimentos e o gasto desnecessário com recursos utilizados em sua produção. A Fruta Feia compra semanalmente alimentos com cerca de 30 produtores cadastrados na cooperativa, recolhendo produtos disformes, pequenos e que provavelmente não seriam absorvidos pelo mercado, e prepara cestas de dois tamanhos (4 e 8 quilos) com frutas e hortaliças da época para vender aos consumidores, que vão até às sedes e escolhem suas cestas. O projeto acaba criando um mercado alternativo para a fruta e hortaliças “feias” na tentativa de alterar padrões de consumo. Se você estiver em Portugal e se interessar pelo Fruta Feia, acesse o site deles: www.frutafeia.pt.



Hábito saudável desde criança!

Por Letícia Julião

Uma parceria entre do Instituto do Hospital das Clínicas (HC) e do Instituto do Coração (InCor), ambos da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FM/USP) com a LatinMed, resultou em um projeto que incentiva os hábitos saudáveis em crianças: o Meu Pratinho Saudável. O projeto já conseguiu bons resultados. Em uma escola da cidade de São Paulo, por exemplo, 82% dos alunos começaram a comer mais frutas desde o início de 2013, e as crianças tem levado os novos hábitos pra dentro de suas casas, incentivando as mães a comprarem mais hortifrutis! Os profissionais foram até a escola e, além de medir peso, altura e circunferência abdominal da criança, deram uma aula com gincanas sobre os alimentos saudáveis e os “não saudáveis”. Essa iniciativa vem sendo acompanhada pela Secretaria de Estado da Educação e, com os bons resultados, tudo indica que pode haver um convênio para se expandir em outras escolas. E aí, será que o consumo de HF aumenta ainda mais com essa iniciativa? Quer saber mais? Acesse: www.meupratinhosaudavel.com.br

Guia Alimentar 2014 recomenda o consumo de HF *in natura*

GUIA ALIMENTAR
PARA A POPULAÇÃO
BRASILEIRA



Por Larissa Pagliuca

O Ministério da Saúde lançou no dia 5 de novembro o Guia Alimentar Para a População Brasileira 2014, uma atualização do Guia de 2006. A nova versão reforça a importância de o brasileiro combinar alimentação saudável com exercícios físicos. Destaca que a boa alimentação promove a saúde e o prazer

das pessoas, previne tanto deficiências nutricionais quanto a obesidade e outros males. O novo Guia substitui a linguagem técnica por uma mais didática, tornando-se mais acessível à população. Como primeira recomendação para uma boa base alimentar, está a ingestão frequente de alimentos frescos, como as nossas queridas frutas e hortaliças *in natura*. São recomendados também o tradicional arroz com feijão, carnes e castanhas. O Guia Alimentar mostra a importância de se consumirem esses alimentos no contexto justamente em que avança a ingestão de alimentos ultraprocessados (comida instantânea, refrigerantes, *fast foods*). O documento também sugere cardápios mais saudáveis para o café da manhã, almoço e jantar. Na primeira versão, 60 mil exemplares do Guia Alimentar serão distribuídos gratuitamente a hospitais, centros de saúde públicos e escolas. Mas se você também tem interesse em conhecer o Guia, saiba que ele está disponível na íntegra na internet! Acesse: <http://goo.gl/SAzAxu>

NOVO

PEPINO KURAHZ

QUALIDADE E GARANTIA DE COLHEITA FARTA



innova®



NOME COMERCIAL	KURAHZ
PRODUTO/SEGMENTO	Pepino Picles
RESISTÊNCIA	Px, Ccu, Foc, Pcu
ESPAÇAMENTO	1,2 x 0,4 m
POPULAÇÃO/STAND	20.833 Pl/ha - Tutorado
ÉPOCA DE SEMEADURA	Ago - Dez
CICLO MÉDIO	40 - 45 dias
COLORAÇÃO	Verde com espinhos brancos
TAMANHO	8 x 2,4 cm
PESO MÉDIO	10 g

Planta de crescimento indeterminado, partenocárpica, de alto vigor e tolerância a doenças. Alta frutificação na haste principal, sendo recomendada a condução no sistema tutorado. Frutos ideais para o processamento, firmes, crocantes, de coloração uniforme, espinhos brancos e cavidade de sementes pequena.

MBA em Defesa Fitossanitária Esalq/USP



MBA
ESALQ/USP - PECEGE

• Agronegócios • Gestão de Negócios
• Agroenergia • Defesa Fitossanitária

Inscriva-se
pecege.esalq.usp.br | Tel.: (19) 3377-0937
comunica@pecege.esalq.usp.br

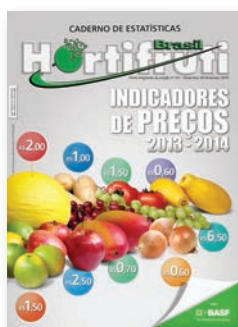
ÍNDICE

ANUÁRIO



O setor hortifrutícola enfrentou mais um ano de fortes impactos climáticos. Relembre os principais acontecimentos em 2014 e as projeções para 2015 das 13 frutas e hortaliças, contando com a mais nova integrante: a melancia.

CADERNO DE ESTATÍSTICAS



Acompanhe a evolução dos preços dos hortifrutícolas de 2013 a 2014 no Caderno de Estatísticas.

SEÇÕES

MELANCIA	16
BATATA	18
FOLHOSAS	22
MELÃO	24
CEBOLA	28
CENOURA	32
TOMATE	34
BANANA	38
CITROS	41
MAMÃO	44
MAÇÃ	46
MANGA	48
UVA	50

HF BRASIL NA INTERNET

Acesse a versão on-line da Hortifruti Brasil no site:
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil



[@hfbrasil](https://twitter.com/hfbrasil)

[@hfbrasil](https://www.facebook.com/hfbrasil)

[@revistahortifrutibrasil](https://www.facebook.com/revistahortifrutibrasil)

hortifrutibrasil.blogspot.com

EXPEDIENTE

A Hortifruti Brasil é uma publicação do CEPEA - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - ESALQ/USP
ISSN: 1981-1837

Coordenador Científico:
Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros

Editora Científica: Margarete Boteon

Editores Econômicos:
João Paulo Bernardes Deleo, Renata Pozelli Sabio,
Letícia Julião e Larissa Gui Pagliuca

Editora Executiva:
Daiana Braga MTb: 50.081

Diretora Financeira: Margarete Boteon

Jornalista Responsável:
Ana Paula Silva Ponchio MTb: 27.368

Revisão:
Daiana Braga, Alessandra da Paz,
Flávia Gutierrez e Flávia Romanelli

Equipe Técnica:
Amanda Abdo Pereira, Amanda Rodrigues da Silva,
Ana Luísa Antonio Pacheco, Bruna Abrahão Silva,
Carolina Camargo Nogueira Sales, Caroline Ochiuse
Lorenzi, Fabrício Quinalia Zagati, Felipe Cardoso, Felipe
Vitti de Oliveira, Fernanda Geraldini Palmieri, Flávia
Noronha do Nascimento, Gabriela Boscarol Raserá,

Isadora do Nascimento Palhares, João Gabriel Ruffio
Dumbra, Júlia Belloni Garcia, Lucas Conceição Araújo,
Matheus Marcello Reis e Renato Garcia Ribeiro.

Apoio:
FEALQ - Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz

Diagramação Eletrônica/Arte:
Guia Rio Claro.Com Ltda
19 3524-7820

Foto:
Fernando Tavares Studio
19 3371-5161

Impressão:
www.graficamundo.com.br

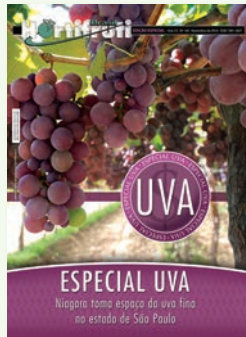
Contato:
Av. Centenário, 1080
Cep: 13416-000 - Piracicaba (SP)
Tel: 19 3429-8808
Fax: 19 3429-8829
hfcepea@usp.br
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil

A revista Hortifruti Brasil pertence ao Cepea

A reprodução dos textos publicados pela revista só será permitida com a autorização dos editores.

AO LEITOR

AO LEITOR



Especial Uva

Essa edição reflete o quadro atual da viticultura no estado de São Paulo. Acredito que a tendência seja mesmo a de aumentar a produção de niagara devido à dificuldade de se conseguir mão de obra. Percebo também que o sistema "Y" está começando a ser implantado em minha região, e as vantagens já têm sido observadas. O futuro da viticultura está em cultivar variedades mais resistentes a doenças e com menor necessidade de mão de obra.

Jeoji Kawakami - Dracena/SP

Sou viticultor e todo tema envolvendo a cultura desperta-me interesse. Concordo que mais produtores podem optar pelo cultivo da niagara em razão das vantagens mencionadas na matéria. Além disso, tem uma excelente aceitação, cada vez mais exigente, do mercado consumidor pelas suas características organolépticas (cor, aroma e sabor). A elevação do custo de produção é fato, mas, para o nosso estado [Santa Catarina], os custos ainda encontram-se abaixo dos de

(continua na próxima página)

Em 2014 a Bluseeds
apresentou soluções que
causaram **amor à primeira safra**
e provaram que apesar da
proteção das embalagens, as
resistências são naturais.



Tomate salada
BS IS0008



Tomate italiano
BS II0011

AO LEITOR

São Miguel Arcanjo (SP), por exemplo. Acredito que a tendência são custos de produção cada vez mais elevados, com a necessidade de se produzir uma fruta diferenciada, que venha a agregar valor e a compensar esses custos. A forma de apresentação e tipo de embalagem utilizada ajudam a ganhar o consumidor,

a dar credibilidade ao produtor.

**Bruno Marques Felipe –
Pedras Grandes/SC**

Acredito que mais produtores vão migrar para o cultivo de uva niagara, dados os altos custos de produção de uvas finas. A mão de obra também é um gargalo que aumenta os custos de produção. Como requer pouca mão de obra, a niagara é uma opção para pequenos produtores que não têm muito capital para o cultivo de uvas finas. Ainda é pequena a adesão ao sistema "Y" em minha região; a maioria é de pequenos produtores que permanecem no antigo sistema de condução (latada). Devido à escassez de mão de obra, a tendência da viticultura pode ser a diminuição das áreas de plantio, onde somente famílias de viticultores que passam gerações no negócio con-

tinuarão suas atividades.

Diogo Pereira – Pilar do Sul/SP

A migração para a niagara é uma tendência. Ela tem se sobressaído em qualidade de produção, com vantagens no custo de produção e no mercado. Por enquanto, na região Norte de Minas Gerais, o sistema "Y" ainda não foi usado.

Ildeu de Souza – Janaúba/MG

Já estava na hora de se reconhecer que a niagara é uma das cultivares mais apreciada pelos consumidores brasileiros e pelos produtores, por sua rusticidade. Em praticamente todos os estados do País existem produtores desta variedade. O produtor tem visto os custos de produção das uvas finas subir sem uma compensação nos preços. Acredito que mais produtores devem cultivar a niagara. Em relação ao sistema "Y", existem poucas iniciativas. Aqui em Mato Grosso, os custos são um pouco mais elevados, pois não temos a cadeia da vinicultura constituída. Com a melhoria do sistema de produção e redução nos custos, a tendência da viticultura é de um aumento da área plantada, pois a uva é uma das frutas que está caindo no gosto da população. Seu alto preço, por enquanto, é que dificulta o acesso ao consumo, sobretudo de pessoas de menor renda.

**Carlos Antonio Távora Araújo –
Tangará da Serra/MT**



Mostrou que de **nordeste**

ESCREVA PARA NÓS.

Envie suas opiniões, críticas e sugestões para:

Hortifruti Brasil - Av. Centenário, 1080 - Cep: 13416-000 - Piracicaba (SP)
ou para: hfcepea@usp.br

Para receber a revista **Hortifruti Brasil** eletrônica, acesse www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade, faça seu cadastro gratuito e receba todo mês a revista em seu e-mail!

Para produzir, a niagara é muito boa, não se compara com a uva fina, sem contar que é excelente para processamento. A aceitação do mercado por ela, no entanto, ainda está muito longe.

Leocadio Barroso – Varjota/CE

Muito boa a edição. Acredito que possa haver, na verdade, uma migração para novas áreas, inclusive devido às mudanças climáticas.

Hélio Antonio Silva Rodrigues – Goiânia/GO

Custo de produção de batata



Quero parabenizar toda a equipe sobre o excelente trabalho *Especial Batata*. A cultura da batata é, sem dúvida, uma das mais conservadoras que existe.

Trabalho com batatas há mais de três décadas e, neste tempo, pouca coisa mudou. A adubação que usavam quando comecei a plantar continua sendo usada, a mesma fórmula e dosagem. Outras culturas dobraram a produtividade e a batata melhorou devido à mudança de variedade. Vale lembrar que a mudança não foi por vontade dos produtores, mas, sim, pela impossibilidade de se continu-

ar a cultivar a variedade substituída por questões fitossanitárias. Nas entrevistas da edição, notei que os pensamentos continuam focando as mesmas coisas de décadas atrás. Não comentam que, além da redução dos custos com a mão de obra, há também outros pontos relevantes, como aumento da produtividade. Outro ponto não lembrado seria a industrialização. Sabemos que o consumo fresco de batata diminui a cada ano. Vale a pena insistir no modelo atual? Não deveríamos buscar alternativas como a comercialização de produtos minimamente processados? Diante deste cenário, cada vez que a batata é rentável para o produtor significa que houve algum problema climático que

reduziu ainda mais a produtividade que já é baixa. Então na próxima safra, se tudo correr bem, os preços vão ser baixos, se depender do produtor.

Pedro Hayashi – Vargem Grande do Sul/SP

a **sul**, a produtividade é garantida.



A HORTIFRUTICULTURA FICOU COM SEDE EM 2014

O clima foi novamente a grande preocupação da hortifruticultura em 2014. Desta vez, os índices de chuva ficaram bem abaixo da média em boa parte das regiões produtoras de frutas e hortaliças, atingindo mínimas históricas. As temperaturas também foram elevadas, agravando a situação. Segundo a Agência Espacial dos Estados Unidos (Nasa), o mês de setembro de 2014 pode ter sido o mais quente da história mundial desde 1880. A região que mais sentiu os efeitos do clima seco foi o Sudeste, especialmente os estados de São Paulo e de Minas Gerais. O Nordeste também enfrentou um ano de pouca chuva, mas esse cenário não é novo por lá. Na Chapada Diamantina (BA), Livramento de Nossa senhora (BA) e em Mossoró (RN), por exemplo, não chove suficientemente há pelo menos dois anos.

O Sistema Produtor Alto Tietê (SPAT), conjunto de

cinco reservatórios que abastece o estado de São Paulo, abrangendo, por exemplo, áreas de cultivo de alface (Mogi das Cruzes e Ibiúna), chegou ao nível mais baixo que se tem registro. No início de dezembro, mesmo após algumas chuvas, a água preenchia apenas 5,4% de sua capacidade total. No Nordeste, o volume útil da barragem de Sobradinho, no rio São Francisco, que abastece regiões produtoras de frutas e hortaliças do Vale do São Francisco, era de 15,6% no mesmo período, sendo que a vazão de saída de água seguia maior que a vazão de entrada, podendo reduzir ainda mais o nível de água deste reservatório.

No Sul, o cenário foi bem diferente. As chuvas ocorreram em excesso, sobretudo no segundo semestre de 2014 e isso também trouxe prejuízos. Houve perdas na qualidade da batata e o granizo danificou lavouras de tomate.

ÁREA DA HORTIFRUTICULTURA RECUA 0,6% EM 2014

HORTALIÇAS:

Estimativas do Cepea indicam ligeiro recuo de 1,4% da área cultivada em 2014 e na safra verão 2014/15 nas principais regiões de produção – as quais compõem a base amostral do Centro. A área com batata ficou praticamente estável, enquanto a de tomate tem queda de 2,5% devido à diminuição do cultivo nas safras tanto de verão quanto de inverno e ainda na destinada à indústria. A área de cebola recuou 3,9% devido à estiagem, à baixa rentabilidade em 2013 e ainda pelo baixo rendimento em algumas regiões do Sul. Para a cenoura, o Cepea estima que a redução foi de 2,5% no ano devido à seca. O cultivo de folhosas, por sua vez, se manteve estável.

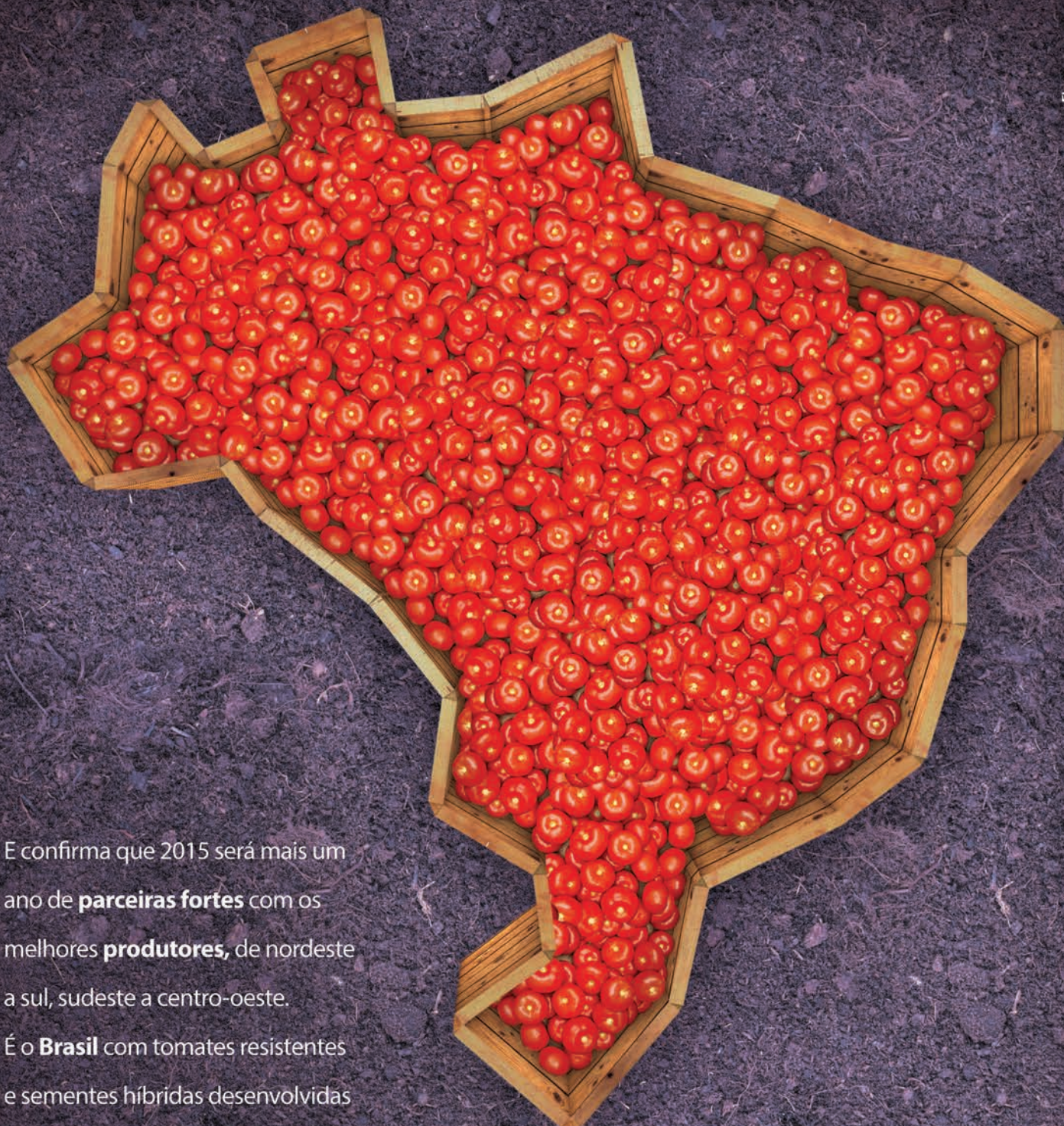
FRUTAS:

A área total de frutas em 2014 teve pequeno acréscimo de 0,1%. Apesar de mantida a estimativa de aumento para a banana e a maçã, as áreas de melão, mamão, uva e manga recuaram. Em uva, a redução deve ocorrer no Paraná, refletindo a baixa rentabilidade e geada de 2013. Para o melão, o desânimo de produtores do Vale do São Francisco quanto ao cultivo do segundo semestre e a falta de água para irrigação no RN/CE causaram redução da área também desta cultura. No caso da manga, a diminuição ocorre em Livramento de Nossa Senhora e em Dom Basílio, devido à forte estiagem na região baiana. Em mamão, houve forte recuo no Oeste da Bahia por conta de problemas com mão de obra.

ÁREA DOS HORTIFRUTÍCOLAS EM 2013 E 2014*

Produto	2013	2014	Var %
TOMATE	39.730	38.736	-2,5%
BATATA	102.392	102.772	0,4%
CEBOLA	43.893	42.162	-3,9%
CENOURA	16.125	15.722	-2,5%
FOLHOSAS	15.828	15.828	0,0%
MANGA	49.887	48.804	-2,2%
MELÃO	14.950	14.350	-4,0%
MAMÃO	14.100	14.000	-0,7%
MAÇÃ	32.207	32.586	1,2%
BANANA	74.535	76.327	2,4%
UVA	24.980	24.894	-0,3%
TOTAL	428.626	426.181	-0,6%
ÁREA POR GRUPO	2013	2014	Var% (14/13)
HORTALIÇAS	202.139,50	199.392,00	-1,4%
FRUTAS	210.658,90	210.961,20	0,1%

* As estimativas de produção da equipe Hortifruti/Cepea baseiam-se em levantamentos amostrais, obtidos a partir do contato com agentes do setor nas principais regiões produtoras. Refletem, portanto, apenas a área das regiões acompanhadas pelo Hortifruti/Cepea.



E confirma que 2015 será mais um ano de **parceiras fortes** com os melhores **produtores**, de nordeste a sul, sudeste a centro-oeste.

É o **Brasil** com tomates resistentes e sementes híbridas desenvolvidas e adaptadas para **grandes safras**.

Blueseeds, resultados e parcerias no azul. Vermelho, só to tomate.

Distribuidor  no Brasil.

Praça dos Crisântemos, 110 - Jardim Holanda | Holambra/SP
Tel: +55 (19) 3802.2588 • WWW.BLUESEEDS.COM.BR


Blueseeds

BALANÇA COMERCIAL DA FRUTICULTURA ESTÁ CADA VEZ MAIS APERTADA

O Brasil ainda está exportando mais frutas do que importando. Porém, esta diferença está se estreitando devido à crescente importação, à quebra de safra de algumas frutas brasileiras e à

perda de competitividade decorrente do elevado “custo Brasil”. Além disso, vender para o brasileiro também tem sido uma opção atrativa para o hortifruticultor.

EM RECEITA, MANGA É A FRUTA MAIS EXPORTADA EM 2014

As vendas externas de fruta neste ano devem ser inferiores às de 2013. A queda deve ser causada pela maçã e uva. A baixa qualidade da maçã, sobretudo da gala, reflexo do calor excessivo no começo do ano, limitou as exportações. Já no caso da uva, além de o mercado interno estar bastante atrativo, a quebra de safra do Vale, devido às chuvas durante a brotação (abril/maio), impediu avanço dos embarques. A banana também pode fechar o ano com redução das vendas externas, principalmente para a União Europeia. Nesse caso, o motivo é a mudança de estratégia de uma empresa do Rio Grande do Norte que optou por sair da atividade exportadora. Os envios de banana ao Mercosul podem ter aumentado, estimulados sobretudo pela maior oferta de Santa Catarina, mas ainda não compensariam a

queda ao bloco europeu.

Por outro lado, as exportações de mamão cresceram em 2014, principalmente com o dólar acima dos R\$ 2,00. Esse nível do dólar teria favorecido também o avanço do comércio da lima ácida tahiti, que ultrapassou o de uva *in natura*. Para manga, a estimativa é que o fechamento do ano aponte estabilidade sobre 2013, o que seria suficiente para posicioná-la como a fruta mais exportada em 2014, em receita, ultrapassando o melão. Este, por sua vez, teve os envios limitados pela falta de água para irrigação.

Para 2015, a tendência geral é de estabilidade nas exportações de fruta frente a 2014, baseado na previsão de continuidade dos baixos níveis de chuva no principal polo exportador de fruta – Nordeste e, por outro lado, a valorização do dólar.

MAÇÃ É DESTAQUE DAS IMPORTAÇÕES EM 2014

Mesmo com o “dólar caro” (Real desvalorizado) na maior parte do ano, a importação de frutas deve fechar 2014 maior que a de 2013. A pera continua sendo a fruta mais importada, tendo leve alta em 2014. Mas o aumento mais significativo está sendo de maçã, contrabalançando a menor oferta da fruta nacional com qualidade.

Já as compras de uva podem fechar o ano com pequena diminuição, sobretudo da Argentina, por conta de geadas que atingiram a produção e da imposição do uso de brometo de metila pelo Brasil, para controlar o ácaro *Brevipalpus chilensis*. Essa diminui-

ção pode ter acontecido mesmo com o estímulo à importação gerado pela quebra de safra no Vale do São Francisco no segundo semestre e pelo aumento das ofertas de países que negociavam com a Rússia antes do embargo que lhe foi imposto – Espanha e Itália já estão enviando mais fruta ao Brasil.

Para 2015, as importações podem diminuir, principalmente se a safra de maçã e uva se recuperarem, em volume e qualidade. Há também tendência de mais fruta nacional ser direcionada ao mercado interno. Além disso, o dólar valorizado frente ao Real pode frear as compras de frutas estrangeiras.

ECONOMIA BRASILEIRA FICA ESTÁVEL EM 2014

A economia brasileira praticamente não avançou em 2014, conforme projeções dos analistas consultados pelo Banco Central. A baixa atratividade da economia, somada à Copa do Mundo no Brasil e às eleições presidenciais, de certa forma, impediram mudanças estruturais urgentes como a redução dos gastos públicos e o aumento dos investimentos em produtividade e em infraestrutura. Em contrapartida, a inflação cresceu e a taxa de juros tem sido reajustada para cima na tentativa de controlar o avanço dos preços no País. Quanto ao câmbio, o nível elevado neste final de ano reflete a recente volatilidade nos mercados e as

turbulências na economia brasileira, sobretudo no período das eleições.

Para 2015, a tendência é de um ano de ajuste e, novamente, de baixo crescimento. Já o dólar deve ser mais valorizado que o Real, o que é bom para o segmento exportador. Porém, dado o baixo desempenho dos indicadores econômicos nacionais, a perspectiva é de que o consumo interno de hortifrutícolas cresça pouco. A tendência de melhor distribuição de renda e de mudança de hábitos de consumo em direção a produtos mais saudáveis permanece e favorece o setor, mas seus reflexos são esperados no longo prazo.

PREVISÃO DE ESTABILIDADE DO PIB EM 2014 E LEVE ALTA EM 2015

Variável	2011	2012	2013	2014	2015
PIB Total (%)	2,9%	1,00%	2,28%	0,21%	0,80%
TAXA DE JUROS (Selic) (% aa) - dez	11,0%	7,25%	10,00%	11,50%	12,00%
INFLAÇÃO (IPCA -% a.a.)	6,6%	5,7%	5,74%	6,40%	6,40%
CÂMBIO (R\$/US\$) - dez	1,81	2,08	2,34	2,53	2,61

Fonte: Boletim Focus (05/12/2014).

O QUE ESPERAR DO CLIMA PARA 2015?

Há previsão de chuvas mais regulares na região Sudeste durante o verão 2014/15. O regime hídrico normalizado será fundamental para o plantio da safra das águas e de verão das hortaliças e para revigorar os pomares, sobretudo de manga, citros e banana nessa região do País. Porém, se as chuvas ocorrerem em excesso, pode prejudicar a qualidade das frutas que serão colhidas no início de 2015, como a uva na região de Campinas (SP).

No Sul do País, região que registrou elevado volume de chuvas no segundo semestre de 2014, as precipitações devem permanecer acima da média pelo menos até fevereiro de 2015, segundo o Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos (Cptec/Inpe). Desta forma, a safra de frutas e hortaliças nesta região pode ter dificuldades com o excesso de água.

Para o Nordeste brasileiro, a previsão do Cptec/Inpe não é muito animadora. As chuvas já foram mais volumosas em novembro de 2014, mas devem ficar escassas até fevereiro de 2015, sobretudo na região norte do Nordeste. Caso o próximo ano seja mais um ano de escassez de água, os plantios da temporada 2015 de batata, tomate, cenoura e cebola serão novamente prejudicados, sem contar que o reabastecimento dos reservatórios para irrigação das frutas pode continuar comprometido. ■



Prof. Dra. Margarete Boteon
é editora científica da **Hortifruti Brasil**.



João Paulo Bernardes Deleo e Renata Pozelli Sabio
são editores econômicos de **hortaliças**.



Letícia Julião (esq.) e Larissa Gui Pagliuca
são editoras econômicas de **frutas**.

HORTIFRUTI BRASIL PASSA A PESQUISAR MERCADO DE MELANCIA

Levantamento de dados foi iniciado ainda este ano

Em 2015, a revista **Hortifruti Brasil** dará início às análises econômicas sobre o mercado de melancia nas principais regiões produtoras do Brasil. Pesquisadores do Cepea iniciaram o projeto sobre a fruta em março de 2014, com visitas a campo para conhecer o sistema de produção e a comercialização da fruta, além de cadastrar colaboradores. A coleta dos preços, informações sobre a produção e o mercado começaram em agosto nas regiões de Marília e Itápolis (SP), Uruana (GO), Lagoa da Confusão (TO), Teixeira de Freitas (BA) e nas praças gaúchas de Arroio dos Ratos, Encruzilhada do Sul e Bagé. Neste início dos trabalhos, serão coletados os preços da melancia graúda (maior de 12 kg), média (10 a 12 kg) e miúda (7 a 10 kg) – em cultivo convencional. Semanalmente, a equipe responsável pelas pesquisas de melancia já tem entrado em contato com produtores, agrônomos e comerciantes destas regiões, além de atacadistas da Ceagesp para colher informações. No próximo ano, os pesquisadores pretendem ampliar a rede de colaboradores, bem como as regiões de coleta, sem-

Larissa Gui Pagliuca (esq.),
Fabrizio Quinalia Zagati e Fernanda Geraldini Palmieri
são analistas de mercado de melancia.

Entre em contato:

hímelancia@usp.br



pre com objetivo de levar mais informações ao setor.

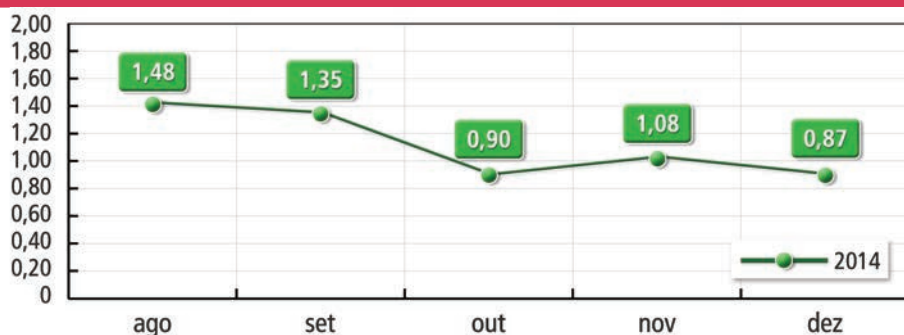
Preços se mantêm satisfatórios no segundo semestre de 2014

Desde meados de agosto até a primeira quinzena de setembro, as regiões produtoras de Lagoa da Confusão (TO) e Uruana (GO) abasteceram o mercado atacadista de São Paulo (Ceagesp) com melancias de excelente qualidade. Neste período, melancicultores dessas praças conseguiram alta produtividade e preços remuneradores, acima do custo médio de produção estimado, em R\$ 0,25/kg. A partir da segunda metade de setembro, mesmo com a finalização da safra no Tocantins, as cotações da fruta começaram

a cair na Ceagesp devido ao aumento expressivo no volume de melancia colhida em Goiás e à intensificação da oferta em Marília (SP). O tempo quente e seco elevou significativamente a produtividade das lavouras goianas, que bateram recordes de produtividade (50 a 60 t/ha), segundo produtores locais. Já em São Paulo, nas lavouras sem irrigação houve atraso no plantio e, provavelmente, o rendimento será menor nesta temporada. Em novembro, houve o encerramento da safra de Goiás, com resultados positivos, e início da colheita em Teixeira de Freitas (BA). Já na região de Itápolis (SP), os preços não reagiram conforme se esperava, ficando próximos aos custos. Em dezembro, além da intensificação da colheita no interior paulista, alguns produtores de Arroio dos Ratos (RS) iniciaram a safra, elevando a oferta nacional. A maior demanda pela fruta no final do ano e durante o verão 2014/15 pode favorecer o escoamento da produção.

AGRADECIMENTOS

A Equipe Melancia agradece a Alécio Schiavon, Paloma Silva, Helder Damaso, Flávio Loss e João Arrebola, representantes da Syngenta, produtores, engenheiros agrônomos, comerciantes e atacadistas de melancia que gentilmente ajudaram e receberam os pesquisadores do Cepea nas visitas a campo realizadas ao longo de 2014, tornando possível a inclusão da cultura da melancia nas pesquisas do projeto Hortifruti/Cepea. O trabalho está apenas começando e a contribuição de todos os agentes de mercado é fundamental para a ampliação e melhoria de nosso sistema de informação. Participe você também!



Colheita de melancia intensifica em São Paulo e na Bahia

Preços médios de venda da melancia graúda (>12 kg) na Ceagesp - R\$/kg

Fonte: Cepea



Produtividade, resistência ao transporte e qualidade. Seja qual for a sua necessidade, existe um híbrido da Syngenta para ela.



Produtividade na plantação



Resistência ao transporte



Qualidade da fruta



Produtividade com pós-colheita.



Precocidade com resistência ao transporte.



Sabor inigualável.

syngenta®

PREÇOS SÃO RECORDES MAS DESPENCA

Números do mercado
de batata em 2014

R\$ **136,77/sc**

Recorde histórico
do preço da batata na Ceagesp
(abril)

-9%

Recuo na área
da temporada das secas

3,4%

Aumento na área cultivada
na safra de inverno

8,81%

Aumento no volume
de batata pré-frita
importada em 2014

Seca eleva cotações a recorde na safra das águas 2013/14

Em abril de 2014, a batata ágata padrão especial teve a maior média da série histórica do Cepea em termos nominais, de R\$ 136,77/sc de 50 kg. O valor pago pela saca no período ficou 20,35% maior que o de abril/13 e 6,85% superior ao registrado em maio/13, o maior preço até então. A valorização da ágata é resultado da quebra de produtividade no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, ocasionada pela estiagem na região. Além de reduzir a produção, a seca também fez com que mais de 1.000 hectares de batata tenham sido perdidos, pois boa parte da área mineira é de sequeiro. Já as áreas mineiras irrigadas, apresentaram boa produtividade. Por outro lado, no Sul do País, sobretudo no Rio Grande do Sul, foi o excesso de chuva que causou perdas de sementes durante o plantio, além de reduzir a produtividade. Em contrapartida, as regiões de Guarapuava (PR) e Água Doce (SC) obtiveram os melhores resultados da temporada das águas, pois foram mínimas as perdas nessas praças, fazendo com que os bataticultores locais conseguissem aproveitar as elevadas cotações do período.

Temporada das secas tem redução de 9% na área cultivada

Produtores do Sul de Minas Gerais reduziram a área das secas em 34,8% em relação à temporada anterior em razão da forte estiagem deste ano. Esse cenário refletiu em um recuo de 9% na área total cultivada na temporada das secas. Assim, durante a colheita (maio a julho), as cotações da batata foram superiores aos custos de produção. Porém, os resultados foram pontuais, uma vez que alguns bataticultores tiveram baixa produtividade e rentabilidade limitada.

No Sul de Minas, parte dos produtores teve resultados fracos pela perda de área e de produtividade, mas os que plantaram em áreas irrigadas conseguiram produtividade satisfatória. Já em Ibiraiaras/Santa Maria (RS), foi o excesso de chuva que prejudicou a safra. Produtores gaúchos tiveram acentuada perda por apodrecimento e quase não conseguiram realizar a colheita em junho. Assim, estima-se que houve redução de 35% na produtividade do Rio Grande do Sul, com prejuízos financeiros aos produtores. Bataticultores paranaenses de Curitiba, Irati, Ponta Grossa e São Mateus do Sul também foram afetados pelas precipitações volumosas em julho. Mas, de um modo geral, o saldo foi positivo, pois os preços ficaram acima dos custos durante os meses de colheita mais intensa, em maio e junho. No Sudoeste Paulista, a temporada começou apenas em junho, prosseguindo até setembro. No início, houve problemas com a produtividade em função da forte incidência de canela-preta. Nos meses seguintes, quando a produtividade melhorou, os preços da batata despencaram com o início da safra de inverno e excesso de oferta. Na média da safra do Sudoeste Paulista, de junho a setembro, os preços ponderados pelo calendário de colheita e classificação ficaram em R\$ 24,68/sc de 50 kg ao produtor, valor 28,2% abaixo das estimativas de custos.

Com área e produtividade maiores, preços do inverno ficam abaixo do custo

A safra de inverno 2014 teve aumento de área total de 3,4% frente à passada impulsionado principalmente por Vargem Grande do Sul (SP), que é a principal região produtora na temporada e por Cristalina (GO), com crescimentos de 5% e 6,5%, respectivamente. A área de cultivo de inverno já vinha aumentando nos últi-

NO PRIMEIRO SEMESTRE, M NO SEGUNDO

Felipe Cardoso

e Amanda Rodrigues da Silva

são analistas de mercado de batata.

Entre em contato:

hfbatata@usp.br



mos anos e, aliada à boa produtividade resultou em excedente de oferta, pressionando as cotações bem abaixo dos custos de produção. Em alguns períodos, produtores relataram inclusive dificuldades em negociar, e algumas batatas de classificação de menor valor de mercado chegaram a ser descartadas. Assim, as cotações ficaram na média da safra (julho a outubro) em R\$ 21,38/sc, valor 30,06% inferior à média dos custos de produção. Em meados de outubro, os preços voltaram a reagir com o fim da colheita em Vargem Grande do Sul e com a desaceleração dos trabalhos em outras regiões. Deste modo, a região mais beneficiada na safra de inverno foi o Sudoeste Paulista, que iniciou a temporada na segunda quinzena de outubro, quando as cotações já estavam acima dos custos. Produtores da Chapada Diamantina, Cristalina e Triângulo Mineiro, que ainda seguem ofertando, também devem ser favorecidos pelos melhores preços até o final da temporada, em dezembro.

Estiagem pode reduzir ainda mais área das águas 2014/15

A área em 2014/15 deve seguir estável, com tendência de queda. O motivo é expectativa de falta de chuva que ainda assombra os produtores de batata. No Sul de Minas Gerais, a intenção inicial era a de aumentar o cultivo, visto que havia grande disponibilidade de batata semente armazenadas em câmaras frias. Porém, no decorrer dos trabalhos, os níveis pluviométricos ficaram abaixo do ideal, obrigando os agricultores a reduzir a área, que em sua maioria é de sequeiro. No Rio Grande do Sul, também houve recuo no cultivo, em função da baixa rentabilidade no ano passado, sobretudo devido à quebra de produção em função do excesso de chuvas. Em Bom Jesus (RS), houve redução de 10% na área cultivada e em Ibirairas/

Santa Maria (RS), de 12,5%. Com isso, a área total só vem se mantendo porque deve haver aumento em Água Doce (SC) e Guarapuava (PR), de 11% e 5,5%, respectivamente. Se o regime de chuvas retornar ao normal até o fim do ano, no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba pode haver recuperação da área perdida em 2013. Com o plantio iniciado em agosto, produtores do Sul de Minas temem ainda uma quebra de safra, já que até final de novembro os níveis de chuva ainda estavam abaixo do ideal. Os produtores do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba vivem situação parecida, mas por terem começado o plantio em outubro, ainda podem se beneficiar com as chuvas a partir de novembro, se forem confirmadas - o plantio deve se estender até o fim de janeiro. Neste ano, produtores do Sudeste têm optado por plantar inicialmente as áreas irrigadas. Em Curitiba, Irati, Ponta Grossa, São Mateus do Sul (PR), a expectativa é de manutenção da área, porém com produtividade prejudicada. Isso porque em setembro houve chuvas acima da média, que causaram lixiviação de fertilizantes e requeima. Já em outubro, houve falta de água, sobretudo em Curitiba e São Mateus do Sul.

Crescem importações de batata pré-frita

Pelo segundo ano consecutivo, o Brasil registrou volumes recordes de importação de batata pré-frita congelada nos 10 primeiros meses. Foram 247 toneladas, 8,81% a mais que no acumulado do ano anterior. O principal motivo do impulso nas compras externas é a crescente demanda pelo produto, em função de sua praticidade e boa qualidade. Segundo pesquisadores do Cepea, essa ten-

dência de aumento do consumo da batata industrializada e redução da *in natura* deve se manter no Brasil.

Importações de semente sobem pelo segundo ano consecutivo

Na parcial de 2014 (até novembro), o volume total de batata-semente importada foi de 6.051 mil toneladas, quantidade 3,76% superior a do mesmo período do ano passado, conforme dados da Secretaria do Comércio Exterior (Secex). O montante comprado pelo Brasil nestes dois últimos anos está entre as maiores da série da Secex, iniciada em 1989. Em 2014, dados disponíveis até novembro, já foi comprado o segundo maior volume da série, enquanto 2013 ficou no terceiro lugar na importação de semente de batata estrangeira, de 6.007 mil toneladas, perdendo apenas para o volume de 1998. O que explica esses números é que os preços domésticos da batata, que estiveram em patamares bastante altos do início do segundo semestre de 2012 até o mesmo período de 2014, motivaram produtores a reservar menos batata para propagação e enviar mais ao mercado *in natura*, necessitando, assim, importar mais semente para multiplicação. Além disso, as elevadas cotações também podem ter dado um possível ânimo aos produtores para aumentar a área com o tubérculo nas safras futuras, o que já ocorreu no inverno de 2014, mas foi limitado na temporada das águas 2014/15 pela falta de chuva. Parte dessa importação se deve também a uma renovação do vigor genético das sementes que serão propagadas. Agentes do setor consultados pelo Cepea acreditam que parte das compras também sejam destinadas à produção com foco industrial.

ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - BATATA*

*As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado

Safrinha das secas e safrinha de inverno (junho a novembro)		Área plantada (ha)		
Região	Praças de Coleta	2013	2014	Varição (%)
Vargem Grande do Sul (SP) - inverno	Vargem Grande do Sul, São João da Boa Vista, Mogi Guaçu, Aguaí, Casa Branca, Santa Cruz das Palmeiras, Mococa, Itobi, São José do Rio Pardo e Porto Ferreira	11.850	12.500	5%
Sudoeste Paulista - seca	Capão Bonito, São Miguel Arcanjo, Pilar do Sul, Itapetininga, Tatuí e Paranapanema	2.350	2.350	0%
Sudoeste Paulista - inverno	Capão Bonito, São Miguel Arcanjo, Pilar do Sul, Itapetininga, Tatuí e Paranapanema	2.830	2.830	0%
Curitiba (PR)	Almirante Tamandaré, Araucária, Balsa Nova, Campo Tenente, Campo Largo, Campo Magro, Contenda, Fazenda Rio Grande, Lapa, Mandirituba, Piraquara, Quitandinha, Rio Negro e Tijucas	3.207	3.207	-2%
Ponta Grossa (PR)	Arapoti, Castro, Imbaú, Ipiranga, Iraí, Jaguariáiva, Ortigueira, Palmeira, Piraí do Sul, Ponta Grossa, Porto Amazonas, Reserva, São João do Triunfo, Telemaco Borba, Tibagi e Ventania	1.800	1.800	-2%
São Mateus do Sul (PR)	União da Vitória, São Mateus do Sul, Antônio Olímpio, Paulo Freitas e Paulo Frontin	1.300	1.300	-2%
Irati (PR)	Mallet, Rio Azul, Rebouças, Irati, Fernandes Pinheiro, Teixeira Soares, Imbituva, Guaramiranga e Inácio Martins	850	1.065	25%
Brasília (DF) e Cristalina (GO)	Brasília e Cristalina	5.430	5.800	7%
Mucugê (BA) e Chapada Diamantina (BA)	Mucugê e Ibicoara	5.100	5.230	3%
Sul de Minas Gerais (seca + inverno)	Sul de Minas Gerais ¹	9.100	7.000	-23%
Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba (MG)	Araxá, Ibiá, Perdizes, Pedrinópolis, Sacramento, Tapira, Santa Juliana, Patrocínio, Iraí de Minas, Uberaba, Uberlândia, Rio Paranaíba e São Gotardo	5.000	5.500	10%
Ibiraíaras (RS)	Ibiraíaras e Santa Maria	1.250	1.250	0%

Safrinha das águas (dezembro a maio)		Área plantada (ha)		
Região	Praças de Coleta	2013/14	2014/15	Varição (%)
Sul de Minas Gerais	Sul de Minas Gerais ¹	9.900	9.000	-9%
Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba (MG)	Araxá, Ibiá, Perdizes, Pedrinópolis, Sacramento, Tapira, Santa Juliana, Patrocínio, Iraí de Minas, Uberaba, Uberlândia, Rio Paranaíba e São Gotardo	12.100	13.000	7%
Guarapuava (PR) 1º e 2º safrinha	Guarapuava, Campina do Simão, Cândoi, Foz do Jordão, Pinhão, Prudentópolis e Reserva do Iguçu	4.500	4.750	6%
Curitiba (PR)	Agudos do Sul, Almirante Tamandaré, Araucária, Balsa Nova, Campo Tenente, Campo Largo, Campo Magro, Contenda, Fazenda Rio Grande, Lapa, Mandirituba, Piên, Piraquara, Quitandinha, Rio Negro e Tijucas	5.590	5.590	0%
Ponta Grossa (PR)	Arapoti, Castro, Imbaú, Ipiranga, Iraí, Jaguariáiva, Ortigueira, Palmeira, Piraí do Sul, Ponta Grossa, Porto Amazonas, Reserva, São João do Triunfo, Telemaco Borba, Tibagi e Ventania	2.300	2.300	0%
Irati (PR)	Mallet, Rio Azul, Rebouças, Irati, Fernandes Pinheiro, Teixeira Soares, Imbituva, Guaramiranga e Inácio Martins	1.280	1.500	17%
São Mateus do Sul (PR)	União da Vitória, São Mateus do Sul, Antônio Olímpio, Paulo Freitas e Paulo Frontin	1.800	1.800	0%
Santa Catarina	Água Doce (SC) e Palmas (PR)	4.500	5.000	11%
Rio Grande do Sul	Bom Jesus, São José dos Ausentes, Ibiraíaras, Santa Maria e São Francisco de Paula	8.650	7.800	-10%

¹ Cambuí, Pouso Alegre, Ipuíuna, Poços de Caldas, Areado, Bom Repouso, Camanducaia, Senador Amaral, Maria da Fé, Bueno Brandão, Espírito Santo do Dourado, São João da Mata, Andradas, Alfenas, Alterosa, Serrania, Machado, Paraguaçu, Três Corações, São Gonçalo do Sapucaí, São Bento do Abade, Santa Rita de Caldas e Congonhal.



Pronutiva: Soluções integradas de
Proteção e Nutrição da Arysta LifeScience.

ATENÇÃO
Este produto contém um ingrediente ativo que pode causar danos ambientais se não for utilizado corretamente. Consulte sempre as instruções técnicas e o rótulo para obter mais informações.

www.arystanocampo.com.br

KASUMIN® é um antibiótico de ação preventiva e curativa que interrompe e cicatriza o dano da planta logo após a aplicação.*

- ▶ **DUPLA AÇÃO:** Bactericida e Fungicida com registro exclusivo agrícola.
- ▶ **AÇÃO SISTÊMICA:** Rápida absorção, excelente em épocas chuvosas. Residual prolongado.
- ▶ **ORIGEM BIOLÓGICA:** Extraído de *Streptomyces kasugaensis*.
- ▶ Excelente opção na rotação com outros produtos.

Kasumin®

O bactericida que cicatriza.

Arysta na web: Conheça nossos canais de comunicação.



facebook.com
/ArystaBrasil



twitter.com
/ArystaNoCampo



radioarysta
.com.br



Arysta LifeScience

ANO DE CONTRASTES: PRE E BAIXOS

Números do mercado de folhosas em 2014

R\$ **35,29/cx**

Maior média mensal da alface crespa na Ceagesp (março)

R\$ **7,81/cx**

Menor média mensal da alface crespa na Ceagesp (setembro)

-68,9%

Maior queda mensal do preço médio da alface americana na Ceagesp (julho ante junho)

-44%

Queda do volume de água armazenada do Sistema Alto Tietê (dezembro/14 ante dezembro/13)

Ano quente e com pouca água

Praticamente em todo o ano de 2014, o volume mensal de chuva foi inferior ao de 2013 nas regiões produtoras de alface de Mogi das Cruzes e Ibiúna (SP). Em Mogi das Cruzes, os meses de fevereiro, junho e outubro foram os que tiveram menor volume de chuva em relação ao ano passado, com reduções de 39%, 64% e 75%, respectivamente, no comparativo com os mesmos meses de 2013, conforme dados da Somar Meteorologia. Em Ibiúna, os meses que tiveram menor incidência de precipitações foram janeiro (37%), junho (86%) e outubro (80%). Em consequência, houve drástica diminuição do nível das represas que abastecem essas regiões. Em dezembro, o Sistema Alto Tietê apresentava apenas 5,4% da sua capacidade, nível 44 pontos percentuais menor que o do mesmo mês de 2013, quando a água preenchia 49,2% da capacidade total, segundo dados da Sabesp. Segundo a Nasa (Agência Espacial dos Estados Unidos), o mês de setembro deste ano no Brasil pode ter sido o mais quente da história. A escassez de água somada às altas temperaturas intensificaram os problemas nas roças paulistas. Alguns produtores de Mogi das Cruzes e de Ibiúna precisaram suspender a produção de folhosas e investiram em outras culturas que não exigem muita água. Parte dos que trabalham com irrigação também optou por reduzir essa prática, intercalando os dias ou fazendo a irrigação por gotejamento e não por aspersão, em busca de otimizar o uso da água. Os principais problemas observados nas alfaces foram a queima de miolo (apodrecimento interno da folha), queima de borda (ficam amareladas com as variações climáticas) e doença do chocolate (manchas pretas por todas as folhas). Em novembro, as chuvas vol-

taram a ser mais frequentes, o que encorajou produtores a realizar o transplântio da safra de verão 2014/15. A colheita da temporada de verão se inicia em janeiro/15 e a expectativa é de resultados satisfatórios, dada a previsão de chuvas dentro da normalidade.

Safra de verão 2013/14 fecha no azul mesmo com perdas na produção

A área da safra de verão 2013/14 se manteve frente à cultivada em 2012/13 em Mogi das Cruzes e em Ibiúna, na marca de 3.900 e de 5.090 mil hectares, respectivamente – estimativa do Cepea. O transplântio se iniciou em novembro/13 e ganhou ritmo de dezembro a abril/14. A colheita teve início em janeiro, com oferta já bastante elevada, pois as chuvas moderadas e as temperaturas elevadas favoreceram o desenvolvimento das folhosas. Porém, a redução das chuvas e o calor intenso reduziram a oferta em meados de fevereiro, com a ocorrência de falhas no enraizamento da alface e queima de borda das folhas. As cotações, por sua vez, aumentaram a partir de fevereiro. Segundo a Somar Meteorologia, no verão 2013/14 (dezembro a março), o volume de chuvas nas regiões de Mogi das Cruzes e de Ibiúna foi cerca de 25% abaixo da média histórica. Alguns produtores estimaram perdas de 30 a 40% na produção de fevereiro, por conta do forte calor. Os prejuízos não ocorreram apenas no campo e atingiram também a produção de mudas. Em Mogi das Cruzes, foram estimadas perdas de até 35% nos viveiros, enquanto que a média é de 15%. A alface crespa foi a mais prejudicada e, conseqüentemente, alcançou preços maiores, o que é atípico pois normalmente a americana é a de valor mais elevado. Em março, mês das cotações de folhosas mais elevadas do

ÇOS ALTOS NO VERÃO NO INVERNO

ano, a cressa foi comercializada na Ceagesp a R\$ 35,29/cx com 24 unidades, mas ainda 70% menor que março de 2013. A partir de abril, a oferta aumentou, resultado do intenso transplântio no início do ano, derrubando novamente os preços. Na média da safra (dezembro a maio), a alface americana foi comercializada em Mogi das Cruzes a R\$ 15,37/cx com 12 unidades, 30% maior que o mínimo estimado pelos produtores para serem cobertos os gastos com a cultura. A alface cressa foi comercializada na mesma região à média de R\$ 13,15/cx com 20 unidades, valor 39,2% acima do custo de produção no período – estimado pelos produtores. Para a safra de verão 2014/15, o transplântio de mudas se iniciou em setembro/outubro, em ritmo bastante lento. Contudo, a previsão é de que ao longo dos próximos meses, as atividades voltem ao ritmo normal, já que, em novembro, as chuvas aumentaram.

Safra de inverno tem boa produtividade

As condições climáticas favoráveis para produção de alface em 2014 resultaram em oferta elevada ao longo da safra de inverno. As áreas cultivadas nas regiões de Mogi das Cruzes e Ibiúna se mantiveram em relação às de 2013, com 2.600 mil hectares em Mogi e 3.392 mil hectares em Ibiúna, confor-

me estimativa do Cepea. O transplântio iniciou em abril conforme o planejado e, a colheita, em junho. Os resultados obtidos com a produção e comercialização das folhosas, porém, foram insatisfatórios em alguns períodos. Logo no início da colheita, as expectativas eram de que, com a Copa do Mundo no Brasil, as vendas fossem aquecidas. Contudo, produtores se desapontaram com a demanda aquém do esperado durante o evento. As vendas durante a Copa só foram melhores para nichos de mercado – hotéis e supermercados com contratos antecipados – e referentes a folhosas de maior valor agregado, como as minimamente processadas. A baixa procura registrada no período – que coincidiu com as férias escolares –, clima desfavorável para o consumo (frio), alface de grande porte e oferta elevada baixaram os preços e causaram sobras no campo e no atacado. Entre junho e julho, o preço médio da alface americana recuou 68,9% na Ceagesp – a média em julho foi de R\$ 7,92/cx com 18 unidades. Setembro foi o mês com cotações mais baixas, quando a alface cressa foi comercializada a R\$ 7,81/cx com 24 unidades

no atacado. Ao longo da safra, houve a ocorrência de algumas doenças, principalmente de míldio. O surgimento de raças diferentes desse fungo resultou em perdas leves e enfraquecimento das alfaces americana, cressa e lisa. Mesmo assim, a produtividade da safra de inverno se manteve elevada. A oferta seguiu alta até meados de outubro, quando a oferta da safra de inverno já havia começado a reduzir e também voltou a chover. Os preços de todas as variedades, então, começaram a se recuperar. Mesmo com períodos de baixos preços, no balanço parcial da safra de inverno (abril a novembro), a alface cressa foi comercializada em Mogi das Cruzes por R\$ 8,98/caixa com 20 unidades, 18% maior que o custo estimado pelos produtores para que os gastos com a cultura no mesmo período fossem cobertos. Com a diminuição da qualidade das alfaces cultivadas na terra, as vendas das hidropônicas ganharam força. Com qualidade superior, também tiveram seus preços elevados em outubro e novembro.

Gabriela Boscarior Rasera

é analista de mercado de folhosas.

Entre em contato:

hfolhosa@usp.br



ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - FOLHOSAS*

*As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado

Região	Praças de coleta	Área plantada (ha) - Safra de inverno (mai/nov)			Área plantada (ha) - Safra de verão (dez/abril)		
		2013	2014	Variação (%)	2013	2014	Variação (%)
Ibiúna	Ibiúna, Piedade e Vargem Grande Paulista	4.240	4.240	0%	5.088	5.088	0%
Mogi das Cruzes	Mogi das Cruzes, Biritiba Mirim, Salesópolis e Suzano	2.600	2.600	0%	3.900	3.900	0%

Fonte: Agentes de mercado consultados pelo Cepea.

FALTA DE ÁGUA LIMITA INVES

Números do mercado de melão em 2014

4%

Recuo na área total de melão em 2014

R\$ 25,73/cx

Preço recorde nominal do melão amarelo tipo 6 e 7 no RN/CE desde julho/2009 (fevereiro)

-16%

Queda na produtividade do melão amarelo no RN/CE (ago-nov/14 frente ao mesmo período de 2013)

11%

Aumento das exportações (ago-nov) frente ao mesmo período de 2013

Área de melão recua 4%

A área de cultivo de melão na safra 2014 corresponde ao período de colheita do Vale do São Francisco em todo este ano somado com a safra do RN/CE (agosto/14 a março/15). A área total dessas regiões deve ser de 14.350 hectares, recuo de 4% frente à temporada anterior – tanto o Vale quanto o RN/CE têm registrado queda na área cultivada. No Vale do São Francisco, a redução é de 5,1% frente a 2013. Comparando-se os primeiros semestres de 2014 e 2013, por outro lado, a área plantada seguiu estável. Na “entressafra” e no período de final de ano (segundo semestre), é que a área teve diminuição, de 15,8% (150 hectares), frente ao mesmo período do ano anterior. Essa redução ocorreu porque a rentabilidade foi prejudicada após a Copa do Mundo no Brasil (em junho e julho), e produtores desaceleraram os investimentos. Além disso, produtores do Vale estão desanimados com a concorrência com o RN/CE. Para o início de 2015, produtores devem manter os investimentos em tecnologia, procurando aumentar a utilização de sementes F1, o que garante boas produtividade e qualidade. No RN/CE, levantamentos da equipe Hortifruti/Cepea também indicam queda na área da safra 2014/15 frente à anterior. O recuo se deu no pico de plantio (setembro/outubro de 2014), quando a falta de água se tornou crítica para sustentar os 12 mil hectares planejados no início da safra. Assim, o RN/CE deve cultivar 11.550 hectares na safra 2014/15, 3,8% a menos que na anterior. Com a redução na área e o aumento dos envios ao mercado internacional, o mercado interno registra queda na oferta de melões. Segundo estimativas de agentes do setor, até o final de outubro, esse volume foi 15% inferior ao do mesmo período do ano passado. A expectativa é de chuvas entre o final de

2014 e o início de 2015, possibilitando recuperação e até mesmo aumento nos investimentos para o próximo ano.

Preços do início do ano garantem boa rentabilidade

A rentabilidade unitária do melão segue positiva, o que estimula produtores a continuar na cultura. Entre janeiro e março, as cotações do melão amarelo chegaram a patamares elevados, superando a expectativa de muitos produtores. A média de preços no Vale do São Francisco naquele período foi de R\$ 22,91/cx de 13 kg – em fevereiro, as cotações atingiram a maior média mensal nominal, desde junho de 2009, finalizando o mês a R\$ 25,46/cx. Já no Rio Grande do Norte/Ceará, entre janeiro e março, os preços tiveram média de R\$ 23,66/cx de 13 kg, com recorde atingido também em fevereiro – R\$ 25,73/cx, maior preço nominal desde julho/09. Segundo agentes, o volume ofertado de janeiro a março corresponde a 25% e 20%, respectivamente, de toda a produção anual do Vale e do RN/CE. Além disso, as cotações da caixa de melão no segundo semestre seguem acima dos custos unitários de produção, devido, sobretudo, ao baixo volume da fruta no mercado interno frente ao ofertado no mesmo período de 2013. Neste cenário, muitos melonicultores estão otimistas para o próximo ano. Porém, fatores climáticos decidirão a situação em 2015.

Estiagem prejudica lavouras em 2014

Neste ano, o problema com a seca no Nordeste do Brasil foi mais crítico do que nos anteriores. Segundo a Somar Meteorologia, em Mossoró (RN) – umas das mais importantes produtoras de melão no Brasil –, cerca de 430 mm de chuva foram registrados entre janeiro e outubro

TIMENTOS EM 2014

Flávia Noronha do Nascimento

e **Matheus Marcello Reis**

são analistas de mercado de melão.

Entre em contato:

hímelao@usp.br



deste ano, volume 40% inferior ao esperado para o período. Neste cenário, muitos melonicultores do RN/CE reduziram a área. Vale lembrar que a expectativa inicial era de aumento na temporada 2014, pois a rentabilidade unitária positiva das últimas safras vinha motivando produtores nordestinos. O recuo da área total de melão ocorreu devido à dificuldade de alguns produtores manterem a qualidade da fruta e a produtividade adequada. Com a proximidade do verão, chuvas são esperadas, o que pode elevar os volumes de rios e açudes.

Incidência de pragas reduz produtividade no RN/CE

Com o clima mais quente e seco a partir de outubro, a incidência de pragas, sobretudo de mosca minadora, aumenta nas lavouras do Rio Grande do Norte/Ceará. Isso porque as pragas atacam as plantas irrigadas quando a vegetação nativa está seca. Em outubro de 2014, a ocorrência da mosca minadora aumentou. Com isso, a produção da fruta teve redução. Além da queda na produtividade, o tamanho e o *°brix* (quantidade de açúcar) dos melões diminuíram. Assim, houve dificuldades para garantir as exportações, tendo em vista que parte da fruta não atingiu a qualidade exigida pela União Europeia.

De agosto a novembro, a média da produtividade no RN/CE foi de 2.023 caixas/hectare, volume 16% inferior ao registrado no mesmo período do ano anterior. Em contrapartida, o Vale do São Francisco (BA/PE) tem apresentado elevação da produtividade nesta temporada. Esta região não tem problemas com a mosca minadora. Somado a isso, as altas temperaturas aumentaram o calibre dos melões do Vale. Segundo levantamentos do Cepea, entre janeiro e novembro, a produtividade média esteve em 2.548 caixas/hectare no Vale, volume 15% superior ao do mesmo período de 2013.

Exportações se aquecem no início da temporada

A temporada 2014/15 de exportações (agosto/14 a março/15), embora ainda esteja no início, já tem se mostrado positiva. Segundo dados da Secex (Secretaria de Comércio Exterior), entre agosto e novembro, o Brasil embarcou 113 mil toneladas da fruta, aumento de 11% frente ao mesmo período da safra anterior. A receita gerada por esses envios foi de US\$ 88 milhões, 8% de acréscimo na mesma comparação. A expectativa de agentes é que esta safra supere, em volume, o em-

barcado na temporada 2013/14, quando foram enviadas 177 mil toneladas, também de acordo com a Secex. Porém, a falta de água que vem limitando a produção no polo exportador do Rio Grande do Norte/Ceará ainda preocupa. O principal destino das exportações brasileiras de melão ainda é a União Europeia, que, no período, importou 109 mil toneladas, volume que representa 96% do total embarcado pelo Brasil. O acréscimo nas vendas ao mercado internacional pode estar atrelado à boa demanda deste bloco, somada à antecipação do encerramento da safra espanhola da fruta. Além disso, os preços estão satisfatórios na UE. De acordo com dados do AMS/USDA, de agosto a novembro, o melão amarelo foi cotado, em média, a US\$ 1,53/kg no porto de New Covent Garden, no Reino Unido, enquanto que, no mesmo período de 2013, a fruta chegou a US\$ 1,24/kg no mesmo porto. O Oriente Médio, que foi destaque em compras na safra passada, tem apresentado aumento nas importações da fruta brasileira. De agosto a novembro/14, o Brasil enviou 1,6 mil toneladas da fruta para o bloco, acréscimo de 37% frente ao ano anterior. Em relação ao Chile, novo comprador em 2014, já adquiriu 273 toneladas no período.

ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - MELÃO*

* As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado

Região	Praças de Coleta	Área plantada (ha)		
		2013	2014	Variação (%)
Vale do São Francisco	Petrolina, Santa Maria da Boa Vista e Floresta (PE); Juazeiro e Curaçá (BA)	2.950	2.800	-5,1%

Região (safra de agosto a março)	Praças de Coleta	Área plantada (ha)		
		2013/14	2014/15	Variação (%)
Rio Grande do Norte e Ceará	Mossoró, Baraúna e Apodi (RN); Aracati, Icapuí, Limoeiro do Norte e Quixeré (CE)	12.000	11.550	-3,8%

Fonte: Agentes de mercado consultados pelo Cepea

Você trabalha
até na chuva.
Seu fungicida
deveria fazer
o mesmo.



ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO,
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRONÔMICO.



c.a.s.a.
0800 704 4304

www.syngenta.com.br



Revus é uma solução inovadora para o controle preventivo da requeima na batata. É o único fungicida que possui a tecnologia LOK+FLO, que combina a superaderência às folhas com o efeito fungicida translaminar, promovendo maior resistência à lavagem por chuva e prolongando o efeito residual em condições climáticas adversas. Use Revus, o fungicida que você pode confiar.



Proteção eficaz mesmo com chuva.

 **Revus**[®]

syngenta.

MESMO COM INSTABILIDADE NOS PREÇOS, RENTABILIDADE É POSITIVA EM 2014

Números do mercado da cebola em 2014

-49%

Queda do preço ao produtor em Monte Alto (SP) (setembro ante agosto)

4,6%

Aumento nos investimentos na safra 2014 em Irecê (BA)

-3,4%

Redução da área na safra 2014/15 do Sul

5

mil toneladas

Recorde de cebola importada (setembro)

Santa Catarina tem melhor resultado na safra 2013/14

Embora os preços da cebola durante toda a safra do Sul 2013/14 (novembro/13 a janeiro/14) tenham ficado acima dos custos de produção, alguns produtores tiveram resultados abaixo da média. Os mais prejudicados foram os do Rio Grande do Sul, pois ofertaram principalmente no início da temporada, quando as cotações estavam aquém do esperado, uma vez que ainda havia oferta do segundo semestre de 2013. Além disso, o excesso de chuva no estado resultou em quebra de produtividade, pressionando ainda mais a rentabilidade. Entre janeiro e março, as cotações atingiram elevados patamares, com média de R\$ 0,80/kg na roça. Em São José do Norte (RS) houve adversidades climáticas na temporada, com altas temperaturas na fase de desenvolvimento e excesso de chuva na colheita. Com isso, a rentabilidade gaúcha ficou limitada e inferior à de outras praças, o que levou produtores gaúchos a reduzirem a área da safra 2014/15. Já em Santa Catarina, onde predomina o cultivo de cebolas crioulas, os resultados foram satisfatórios, pois a comercialização foi mais tardia. Os preços médios em SC foram de R\$ 0,74/kg em novembro/14 a abril/15, valor 64% superior às estimativas de custos dos produtores. Irati (PR), embora tenha fechado no azul, também não apresentou elevada rentabilidade por ter ofertado mais no início da temporada, fator que somado à atração dos produtores por outras culturas, resultou na redução de cultivo em 2014/15. A comercialização das cebolas do Sul foi mais escalonada, evitando o acúmulo de bulbos. Como as variedades precoce e crioula são resistentes à armazenagem, a comercialização se estendeu até o início de abril.

Mesmo com seca e pragas, Cerrado tem boa temporada

Os produtores do Cerrado concluíram a safra 2014 no final de novembro com rentabilidade positiva. Com poucas chuvas no início do ano, o pico de colheita foi antecipado para o primeiro semestre. A estiagem prolongada elevou a incidência de pragas, porém houve um bom manejo e produtores conseguiram manter o potencial produtivo da região, que ficou na média de 66 t/hectare. A safra do Cerrado teve novo aumento de oferta de bulbos em outubro, quando eram esperados bons preços, no entanto, a entrada de um grande volume de cebolas importadas da Europa, o que é atípico em outubro, pressionou as cotações do produto nacional a valores próximos aos custos de produção. Com isso, a rentabilidade da região foi positiva, mas limitada, já que havia expectativa valorização do produto. Os agricultores da região realizaram o plantio de em janeiro a abril e a colheita de maio até o final de novembro, com pico de oferta entre junho e julho.

SP tem resultados positivos, apesar da concorrência europeia

As regiões produtoras de cebola de São Paulo tiveram rentabilidade positiva em 2014, em razão da queda na área de cultivo na maioria das praças que ofertam no segundo semestre, sobretudo São José do Rio Pardo e Monte Alto, de 11% e 4% respectivamente e consequente menor disponibilidade. A redução no plantio se deu por conta dos baixos preços da safra passada, dado o excesso de oferta no pico de colheita. Com isso, produtores conseguiram bons valores no início da temporada. A colheita come-

Isadora do Nascimento Palhares
é analista do mercado de cebola.

Entre em contato:

hfcebola@usp.br



çou em julho e seguiu com preços satisfatórios até setembro, quando houve a entrada de cebolas europeias. Com isso, Monte Alto registrou queda de 49% no preço em setembro frente ao de agosto. A inesperada entrada de bulbos estrangeiros entre setembro e outubro pressionou os valores nacionais, quando a expectativa era de aumento em função da menor área de cultivo nesse ano. A safra 2014 terminou em outubro com atraso, já que a comercialização dos bulbos paulistas diminuiu frente à concorrência importada. Apesar de as cotações terem apresentado quedas significativas em outubro, a média ponderada pelo calendário de colheita (julho a outubro) foi de R\$ 0,70/kg, valor 32% acima das estimativas de custos dos produtores. Com resultados melhores que a temporada passada, a expectativa é de pelo menos manutenção da área para a safra 2015.

Safra do segundo semestre recua no Vale e aumenta em Irecê

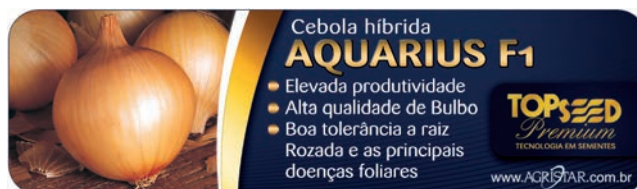
No primeiro semestre do ano, a temporada do Vale do São Francisco teve excesso de chuva durante o semeio. Já durante o desenvolvimento dos bulbos, a seca predominou, resultando em menor produtividade. Além disso, o pico de colheita do Vale e de Irecê (BA) coincidiu com o do Cerrado, tornando os preços pouco atrativos aos produtores. Com resultados limitados, a área acabou recuando já na primeira metade do ano, com intensificação no segundo semestre, quando já se esperava tal cenário em função dos baixos preços. Assim, neste ano, a área cultivada com cebola na região caiu 7,4%, com o recuo mais concentrado no segundo semestre, reduzindo significativamente a oferta de cebola nesse período. Já em Irecê, houve bom volume pluviométrico no início

do ano, recuperando os níveis dos reservatórios, o que permitiu aumentar a área de plantio em 4,6%, seguindo com a safra até dezembro. Com boa tecnologia e volume de água adequado, produtores desta região programaram a intensificação da colheita de outubro até dezembro, para garantir boas cotações diante da expectativa de pouca oferta nacional. Já Mossoró (RN), com rentabilidade negativa na temporada passada e a falta de água, reduziu em 8,5% os investimentos para a safra 2014. A seca na região atrasou a colheita em 40 dias, que começou em outubro ao invés de setembro. O adiamento, por outro lado, foi bom para a região potiguar, que não chegou a ser prejudicada pela importação de cebola europeia, podendo garantir preços satisfatórios ao longo de toda a safra, com encerramento previsto para janeiro/15. Para 2015, a expectativa é que as praças nordestinas devam manter os investimentos na cultura, já que os resultados em 2014 foram positivos, apesar de limitados pelas importações no segundo semestre.

Importações argentinas caem; europeias batem recorde

A entrada de cebolas da Argentina no mercado brasileiro foi menor em relação ao ano passado. Isso ocorreu mesmo com elevada oferta no país vizinho e o peso menos valorizado frente ao Real nesse ano. Segundo a Secex, o volume importado de janeiro a setembro foi de 132,6 mil toneladas, recuo de

38,09% frente ao do mesmo período de 2013. A menor entrada de cebolas argentinas foi por conta da maior oferta no Sul neste ano na comparação com o anterior, quando houve quebra de produção. Como de costume, no segundo semestre, a participação da Argentina perdeu força, com pico de colheita do Vale do São Francisco e do Cerrado. Entretanto, quando era esperada baixa oferta do produto no mercado, houve uma expressiva e atípica entrada de cebolas vindas da Europa. A importação de bulbos europeus bateu recorde em setembro, com 5 mil toneladas. De julho a novembro, as importações da Europa foi de 35.981 toneladas, o que equivale a cerca de 1200 hectares de cebola cultivados no Brasil, suficientes para gerar o excesso de oferta quando somado ao volume que se produziu nas lavouras brasileiras. Essa maior oferta resultou em acentuada queda nas cotações, que chegaram a ficar abaixo dos custos para alguns produtores. No mesmo período do ano passado foram importadas 8,3 mil toneladas, 27,6% a menos em relação ao que foi comprado até novembro de 2014. A importação, além de pressionar os valores da cebola brasileira, afetou a rentabilidade dos importadores, que tiveram que vender também em patamares mais baixos. Para 2015, o volume importado no primeiro semestre pode aumentar, já que há previsão de menor oferta no Sul na



temporada 2014/15. Para o segundo semestre, a oferta doméstica vai depender da decisão dos importadores, que não deverão ser tão agressivos nas compras como em 2014, pois acabaram tendo prejuízos também.

Área do Sul deve recuar 3,4%

A baixa rentabilidade no Rio Grande do Sul na temporada passada é o principal motivo da redução estimada de 3,4% na área total da safra

2014/15 do Sul, na comparação com a anterior. Nas praças gaúchas de São José do Norte e de Rio Grande, a queda no cultivo chegou a 20% e 15%, respectivamente. No Paraná, embora o resultado médio tenha sido positivo, alguns produtores tiveram desempenho inferior à média, ficando desestimulados nesta temporada. Além disso, alguns agricultores estão preferindo apostar em outras culturas. Assim, a região de Irati tem expectativa de recuo na área de 10% e em Curitiba, de 6,5%. A queda no cultivo do Sul só não foi

maior porque os resultados médios na temporada 2013/14 foram bastante satisfatórios em Santa Catarina. A região de Ituporanga, principal produtora nacional de cebola, teve um aumento de 2,5% e, Lebon Régis, de 1,3%. Nesta última região, o cultivo acabou menor que o planejado inicialmente devido a problemas climáticos. A previsão para esta safra (novembro/14 a fevereiro/15) é de preços acima dos custos de produção, pois a área cultivada não deve ser suficiente para gerar excesso de oferta.

ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - CEBOLA*

*As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado.

Região	Praças de Coleta	Área plantada (ha)		
		2013	2014	Varição (%)
Divinolândia (SP) - bulbinho*	Divinolândia	380,0	323,0	-15%
Piedade (SP) - bulbinho	Piedade	130,0	120,0	-8%
Piedade (SP) - híbrida	Piedade	550,0	577,0	5%
Monte Alto (SP)	Monte Alto	1.400,0	1.250,0	-11%
São José do Rio Pardo (SP)	São José do Rio Pardo, Divinolândia, São Roque, Itobi, Casa Branca, Vargem Grande e Mococa	2.678,0	2.300,0	-14%
Triângulo Mineiro	Uberaba, Rio Paranaíba, São Gotardo, Ibiá, Santa Juliana, Patrocínio, Araxá, Perdizes, Sacramento, Lagoa Formosa e Patos de Minas	2.230,0	2.341,0	5%
Mossoró (RN)	Mossoró e Baraúna	655,0	600,0	-8%
Cerrado (GO)	Brasília e Cristalina	1.458,0	1.531,0	5%
Irecê (BA)**	João Dourado, Irecê, Lapão, América Dourada, São Gabriel, Canarana, Barro Alto, Cafarnaum, Ibititá, Itaguaçu da Bahia, Jussara, Mulungu do Morro, Presidente Dutra e Xique-Xique	1.827,0	1.874,0	3%
Vale do São Francisco (BA e PE)	Casa Nova, Sento Sé, Sobradinho, Remanso, Juazeiro, Curaçá e Paulo Afonso (BA); Petrolina, Santa Maria da Boa Vista, Orocó, Belém do São Francisco, Cabrobó e Petrolândia (PE)	6.347,0	5.875,0	-7%
Chapada Diamantina (BA)	Mucugê, Cascavel e Ibicoara	269,0	296,0	10%

Região	Praças de Coleta	Área plantada (ha)		
		2013/14	2014/15	Varição (%)
São José do Norte (RS)	São José do Norte	2.438	1.950	-20%
Rio Grande (RS)	Rio Grande e Tavares	1.800	1.530	-15%
Irati (PR)	Irati, Fernandes Pinheiro, Imbituva, Palmeira, Guamiranga, Campo Magro	1.610	1.445	-10%
Curitiba (PR)		4.600	4.300	-7%
Lebon Régis (SC)	Caçador, Curitibaanos e Lebon Régis	1.500	1.500	0%
Ituporanga (SC)	Ituporanga, Petrolândia, Aurora, Atalanta, Imbuia, Vidal Ramos/Agrolândia, Alfredo Vagner, Bom Retiro e Leoberto Leal	14.000	14.350	3%

* Na região de Divinolândia separou-se a safra de bulbinhos e de híbridas. A área correspondente a híbridas foi somada à região de São José do Rio Pardo.

** Dados com base na Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola (EBDA).



NOVA ESTUDO

AGRISTAR

CONFIANÇA NO AMANHÃ

Que 2015 seja repleto de
alegria, paz e prosperidade.
FELIZ ANO NOVO.

MOVIDA PELA PAIXÃO AO CAMPO E PELO DESAFIO DE SUPERAR LIMITES.



Com mais de 50 anos no mercado, a Agristar é hoje uma das maiores empresas do país na produção e comercialização de sementes.

Com capital 100% nacional e com uma ampla e moderna infraestrutura, a Agristar tem orgulho de conhecer a nossa terra e aqui desenvolver e testar toda a tecnologia necessária para oferecer produtos de alto desempenho.

Essa é a Agristar, uma empresa que acredita na agricultura, na força do produtor brasileiro e principalmente em um amanhã cada vez melhor.

LINHAS:



TEMPO SECO FAVORECE PRODU

Números do mercado de cenoura em 2014

R\$ **5,37/cx**

Menor preço
em Minas Gerais
(junho)

320mm

Volume de chuva
no Rio Grande do Sul
(junho)

102,4t/ha

Maior produtividade
média em Goiás
(setembro)

10%

Redução na área
da Bahia no segundo
semestre

Safra de verão 2013/14 fecha com resultados inferiores aos da anterior

Os preços na safra 2013/14 de verão estiveram acima do custo de produção, mas abaixo dos da temporada 2012/13. A área a se manteve em praticamente todas as regiões (Minas Gerais, Paraná e Goiás), com exceção do Rio Grande do Sul, que aumentou os investimentos em 10%. Na soma de todas as regiões, foram cultivados 9.800 hectares na safra de verão, 1,9% acima do registrado na 2012/13. A produtividade esteve acima da observada no ano passado e, com isso, a oferta foi maior, pressionando as cotações. No correr da temporada (de janeiro a julho), as lavouras foram beneficiadas pelo clima atípico do primeiro semestre (tempo quente e seco) – no Rio Grande do Sul, a colheita ocorreu de março a maio, devido às temperaturas tipicamente mais baixas. Segundo a Somar Meteorologia, entre janeiro e maio, a chuva acumulada em São Gotardo, Santa Juliana e Uberaba (MG) foi de apenas 47,8 mm, enquanto que a média deste período é de 150 mm. Entre janeiro e julho, a raiz foi comercializada em Minas Gerais, Goiás e Paraná por R\$ 12,84/caixa “suja” de 29 kg, valor 26,5% acima dos custos de produção, mas 43% inferiores aos da safra 2012/13, considerando-se produtividade média de 50,6 t/ha. O plantio da safra de verão 2014/15 começou entre setembro e outubro, e a estimativa inicial é de redução de 5% no cultivo em Minas Gerais, na comparação com a 2014/15. A queda ocorre devido ao clima seco, que dificultou as atividades de campo. Porém, caso as precipitações retornem aos níveis normais neste verão, o plantio ainda pode ser normalizado, uma vez que as atividades seguem até abril/15. A colheita da safra de verão começa em janeiro do

próximo ano. Nas demais regiões produtoras, a previsão é de estabilidade nos investimentos.

Temporada de inverno começa no vermelho, mas se recupera

A colheita das cenouras de inverno começou em julho em Minas Gerais, Goiás e Paraná, com preços abaixo do custo de produção. O clima seco fez com que a produtividade das lavouras fosse elevada no primeiro trimestre da temporada (julho a setembro), o que manteve a oferta elevada. Contudo, o desenvolvimento das cenouras plantadas no Triângulo Mineiro a partir de julho foi prejudicado, pois, com o clima seco, as irrigações diminuíram. Dessa forma, as raízes mineiras colhidas a partir de outubro começaram a apresentar aspecto miúdo e murcho. Como esta é a principal região produtora, a raiz valorizou. Entre julho e novembro, a média de preços da caixa “suja” de 29 kg foi de R\$ 13,00 em MG, GO e PR, valor 21,1% maior que o mínimo estimado para cobrir os gastos com a cultura no período, mas 18% menor em relação ao mesmo período do ano anterior.

Produtividade ultrapassa 100 t/ha em Goiás

A colheita da safra de inverno 2014 em Cristalina (GO) se iniciou em julho e segue até dezembro. Não houve alteração na área cultivada nesta região; no entanto, a alta produtividade das lavouras resultou em maior oferta frente ao mesmo período do ano passado. Em setembro, o rendimento na região foi de 102,4 t/ha, considerado elevado para a cultura. Entre julho e novembro, a média da caixa “suja” de 29 kg foi de R\$ 11,69, enquanto que o custo de produção foi

ÇÃO EM BOA PARTE DO ANO



João Gabriel Ruffo Dumbra
é analista de mercado de cenoura.

Entre em contato:
hfcenour@usp.br

avaliado em R\$ 10,50/cx. A expectativa para o encerramento da safra de inverno de 2014 é que a oferta continue elevada, mas, como o volume em Minas Gerais (maior região produtora) deve continuar reduzindo, produtores goianos podem observar aumento nos preços.

Ao contrário das demais regiões, Sul tem excesso de chuva

A área destinada ao cultivo da cenoura da safra de inverno 2014 se manteve na comparação com 2013 no Rio Grande do Sul, totalizando 1.350 hectares em Caxias do Sul, Antônio Prado e Vacaria. A colheita se iniciou em junho e segue até fevereiro de 2015. Segundo dados da Somar Meteorologia, o acumulado de chuvas em junho foi de cerca de 320 mm. Assim, tanto o início da colheita de inverno quanto o plantio foram prejudicados nas praças gaúchas, o que provocou queda no volume de cenoura na região a partir de agosto. Mesmo assim,

o volume elevado em termos nacionais limitou a valorização das raízes gaúchas. Na média parcial, de julho a novembro, a caixa de cenoura “suja” de 29 kg foi vendida por R\$ 15,61, valor 56,5% acima custo de produção, calculado em R\$ 9,97/cx no período, para produtividade média de 59,3 t/ha. A partir de novembro, as chuvas voltaram a níveis considerados normais na região sulista. A previsão é de que a rentabilidade continue positiva até o final da safra de inverno, que deve ocorrer em meados de fevereiro.

Área na Bahia diminui 10% no 2º sem de 2014

Na primeira parte do ano, a área cultivada na região de Irecê e João Dourado (BA) se manteve frente ao mesmo período de 2013, totalizando 715 hectares. A manutenção nos investimentos

foi possível graças às chuvas no final de 2013 e início de 2014 na Bahia. Os preços estiveram acima do custo de produção até abril, quando recuaram para patamares abaixo do mínimo estimado por produtores para cobrir os gastos com a produção. Em junho, o preço foi o menor do ano na região, com a média de venda da caixa “suja” de 20 kg a R\$ 5,37, 36,1% inferior ao custo de produção no período, avaliado em R\$ 7,83/cx, considerando-se produtividade média de 34,6 t/ha no mesmo período. No segundo semestre, houve queda de 10% na área cultivada em comparação com o mesmo período de 2013, totalizando 1.080 hectares. A diminuição da área ocorreu devido aos baixos preços obtidos no primeiro semestre. Entre julho e novembro, a raiz foi comercializada na região baiana a R\$ 9,26/cx, bem próximo ao custo de produção no período, de R\$ 7,66/cx.

ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - CENOURA*

* As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado.

Safra de inverno (julho a dezembro)		Variedade	Área plantada (ha)		
Região	Praças de Coleta		2013	2014	Variação (%)
Goiás	Cristalina	cenoura safra de inverno	845	845	0,0%
Minas Gerais	São Gotardo, Santa Juliana e Uberaba	cenoura safra de inverno	2.123	2.123	0,0%
Bahia	Irecê e João Dourado	cenoura safra de verão segundo semestre	1.200	1.080	-10,0%
Paraná	Marilândia do Sul, Apucarana e Califórnia	cenoura safra de inverno	800	800	0,0%
Rio Grande do Sul	Caixas do Sul, Antonio Prado e Vacaria	cenoura safra de inverno	1.350	1.350	0,0%

Safra de verão (dezembro a julho)		Variedade	Área plantada (ha)		
Região	Praças de Coleta		2013/14	2014/15	Variação (%)
Goiás	Cristalina	cenoura safra de verão	1.300	1.300	0,0%
Minas Gerais	São Gotardo, Santa Juliana e Uberaba	cenoura safra de verão	5.660	5.377	-5,0%
Bahia	Irecê e João Dourado	cenoura safra de verão primeiro semestre	930	930	0,0%
Paraná	Marilândia do Sul, Apucarana e Califórnia	cenoura safra de verão	1.200	1.200	0,0%
Rio Grande do Sul	Caixas do Sul, Antonio Prado e Vacaria	cenoura safra de verão	715	715	0,0%

Fonte: Agentes de mercado consultados pelo Cepea

CALOR E SECA SÃO VILÕES DO TOMATE EM 2014

Números do mercado de tomate em 2014

16,8%

Redução da área da primeira parte da safra de inverno 2014

36%

Diminuições das importações de atomatados em volume (jan-nov)

220

caixas/mil pés

Produtividade média

de Sumaré nos primeiros meses da safra de inverno (março a maio)

4,2%

Aumento da área na safra de verão 2013/14

Safra de verão 2013/14 fecha positiva, mesmo com aumento de área

A área de tomate da temporada de verão 2013/14 fechou em 89 milhões de pés, 4,2% maior em relação à anterior (2012/13). O aumento foi observado em Itapeva (SP), Urubici (SC), Venda Nova do Imigrante (ES) e Caxias do Sul (RS). Essa elevação foi possível devido aos altos preços praticados na temporada 2012/13, e poderia ter sido ainda maior se não fosse a escassez de mão de obra. De modo geral, os resultados da safra de verão foram satisfatórios para produtores. Entre novembro/13 e maio/14, a média de preços da caixa de 22 kg na temporada foi de R\$ 32,16 – ponderada pela quantidade ofertada em cada mês e pela classificação (1A ou 2A) – valor 44% superior ao mínimo estimado por produtores para cobrir os gastos com a cultura, de R\$ 22,32/cx. O forte calor deste ano adiantou a maturação dos frutos, fazendo com que importantes regiões, como Itapeva e Caçador (SC), encerrassem as atividades com cerca de um mês de antecedência. Para a safra de verão de 2014/15, espera-se redução de 2,2% no total das áreas do Agreste Pernambucano, Itapeva (SP), Caçador (SC), Urubici (SC), Nova Friburgo (RJ), Venda Nova do Imigrante (ES), Reserva (PR) e Caxias do Sul (RS). Essa queda está concentrada na região de São Paulo e se deve, sobretudo, ao receio de produtores com a falta de água, uma vez que 2014 foi um ano de seca na maior parte das regiões. Entretanto, como as atividades estão em andamento, ainda podem ocorrer mudanças na estimativa de área.

1ª parte da safra de inverno tem queda de 16,8%

Tomateiros reduziram em 16,8% (quase 10 milhões de pés) a área cultivada na primeira parte da safra de inverno 2015 na comparação com o mesmo período da safra passada. As regiões que reduziram a área na primeira parte da safra de inverno são: Mogi Guaçu/SP (-15,3%), Sumaré/SP (-51,3%), Araguari/MG (-31%), Pará de Minas/MG (-35,7%), São José de Ubá/RJ (-20%), Itaocara/RJ (-20%) e Norte do Paraná (-10%). Além da redução já prevista no planejamento da temporada, no primeiro semestre, tomateiros tiveram problemas severos com viroses (vira-cabeça e geminivírus), o que resultou em perda de área e diminuição da produtividade das lavouras. Já no segundo semestre, produtores enfrentaram a falta de chuvas e o forte calor, que afetaram o desenvolvimento das plantas, causaram perdas de área (muitos produtores deixaram de transplantar suas mudas) e reduziram a qualidade dos frutos. A colheita da safra de inverno (considerando-se as duas partes) de 2014 se iniciou em fevereiro e segue até dezembro, sendo que a primeira parte corresponde ao período entre fevereiro e outubro e, a segunda, outubro e dezembro. Na média da primeira parte, produtores comercializaram o fruto, ponderado pelo calendário de colheita e pela classificação (1A ou 2A) a R\$ 30,41/cx, valor 56% acima do mínimo estimado para cobrir os gastos com a cultura e 12% maior que o valor médio do mesmo período do ano passado. Na segunda parte da temporada, por sua vez, observou-se aumento na área cultivada, de 9,3%. A expectativa é que produtores recuperem parte da área na safra 2015.

Importações de atomatados caem 36%

Em 2014, as importações de atomatados tiveram queda frente ao ano passa-

*Credibilidade está nos nossos olhos,
está nas nossas mãos.*

*Qualidade e produtividade têm nome e
sobrenome: Sementes Seminis,
uma relação de confiança.*



www.seminis.com.br


Seminis.

do. Na parcial do ano (janeiro a novembro), essa redução foi de 36% em volume e 28% em receita, segundo dados da Secex. Alguns fatores explicam o recuo, como a valorização do dólar frente ao Real, o aumento do preço dos atomatados no mercado internacional e o elevado estoque nas indústrias. Vale lembrar que o ano de 2013 foi considerado atípico, pois contou com importações acima da média anual. Para 2015, acredita-se que as compras de atomatados devam seguir em patamares próximos aos observados neste ano.

Tomate industrial tem ligeira queda na área

Estimativas do Cepea indicam redução de apenas 1% na área cultivada com tomate industrial em 2014 frente ao ano anterior. O recuo foi observado, sobretudo, em Goiás, principal estado produtor de tomate rasteiro para a indústria no País. Segundo colaboradores do Cepea, a queda no cultivo esteve atrelada a dois principais fatores. Um deles ocorreu no início do plantio, em fevereiro deste ano, quando produtores estavam desanimados e receosos com a incidência de viroses por conta do clima quente e seco. Outro fator foram as chuvas volumosas em março no estado goiano, dificultando as atividades de campo e reduzindo o ritmo de plantio. Além de Goiás, também houve recuo do cultivo no estado de São Paulo. Porém, colaboradores do Cepea afirmam que não se trata de uma redução, mas de uma migração para Minas Gerais, onde houve aumento de área. No Agreste Pernambucano, a área cultivada não se alterou. A colheita da safra de tomate industrial começou em junho, teve pico entre agosto e setembro e se encerrou em novembro. No início das atividades, a produtividade de todas as regiões esteve abaixo do potencial, da

da a incidência de viroses, sobretudo de vira-cabeça. Porém, ao longo da temporada, o rendimento melhorou e alcançou níveis considerados acima da média. A produtividade desta safra esteve entre 80 e 85 t/ha, em média, quando o comum é de 80 t/ha. A elevação na produtividade da temporada compensou parcialmente a queda na área cultivada. Mesmo assim, a produção (em toneladas) deve fechar menor que a do ano passado.

Área da safra anual em 2015 ainda é incerta

Na safra anual de 2014, as regiões da Chapada Diamantina (BA), Goianópolis (GO), Serra da Ibiapaba (CE/PI) e Irecê (BA) mantiveram a área cultivada em 2013. A exceção foi Carmópolis de Minas (MG), que apresentou recuo de 20%, devido à falta de chuvas. Tomateiros dessas regiões também registraram problemas com viroses e outras pragas. Enquanto em Goianópolis o principal problema foi a *Helicoverpa zea*, conhecida popularmente como lagarta do milho, na Serra da Ibiapaba, o vira-cabeça preocupou agentes. Já em Irecê, as lavouras foram atacadas pela traça do tomateiro, uma vez que as altas temperaturas elevaram a incidência desta praga. Na Chapada Diamantina (BA), houve dificuldades nos primeiros meses do ano por conta da alta incidência de mosca branca e tripes, mas que foram amenizadas ao longo do ano. Segundo produtores, a incidência de insetos transmissores de doenças foi alta, porém, os frutos cultivados já são de variedades resistentes e, assim, na média, a produtividade deste ano esteve dentro

do potencial da região – 400 caixas/mil pés. Produtores das regiões que participam da safra anual afirmam que, para 2015, só será possível manter a área cultivada em 2014 se bons volumes de chuva forem registrados. A previsão da Somar Meteorologia é que o período chuvoso esteja dentro da normal climatológica no verão 2014/15. As precipitações desse período serão fundamentais para o plantio das lavouras de tomate das regiões de Irecê (BA), Chapada Diamantina (BA), Serra da Ibiapaba, Goianópolis e Carmópolis de Minas.

Clima seco e calor prejudicam atividade em 2014

Neste ano, a tomaticultura enfrentou problemas com o clima seco e quente. Além da falta d'água para irrigação das lavouras em algumas regiões, como em Sumaré (SP), a baixa ocorrência de chuvas e as temperaturas elevadas fizeram com que a incidência de insetos transmissores de viroses fosse elevada em praticamente todas as regiões produtoras, principalmente no primeiro semestre. As principais ocorrências foram de tripes e mosca branca, transmissores do vira-cabeça e do geminivírus, respectivamente. Por conta das viroses, a produtividade das lavouras da primeira parte da safra de inverno esteve reduzida. A produtividade dos tomateiros de Sumaré, nos primeiros meses de colheita, foi de 220 caixas de 22 kg/mil pés, redução de 30% na comparação com a média da região (330 caixas de 22 kg/mil pés). As lavouras colhidas a partir de julho tiveram menos prejuízos com as viroses.

Amanda Abdo Pereira (esq.)
e **Amanda Rodrigues da Silva** são analistas
de mercado de tomate.

Entre em contato:

hftomate@usp.br



ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - TOMATE*

*As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região.
Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado.

Tomate de Mesa - Primeira parte da safra de inverno		Número de pés (milhões)		
Região	Praças de Coleta	2013	2014	Variação (%)
Mogi Guaçu (SP) - abril a outubro	Estiva Gerbi, Santo Antônio da Alegria, Aguaí, Mogi Guaçu, Mogi Mirim, Serra Negra e Pirassununga	9,45	8,00	-15%
Sumaré (SP) - maio a junho	Sumaré, Nova Odessa, Monte Mor, Elias Fausto, Capivari e Indaiatuba	5,75	2,80	-51%
Araguari (MG) - março a novembro	Araguari, Indianópolis, Uberaba, Monte Carmelo e Catalão	14,50	10,00	-31%
Pará de Minas (MG) - abril a novembro	Carmópolis, Pitangui, Onça do Pitangui, Barbacena, Carandaí, Coimbra e São José da Varginha	7,00	4,50	-36%
São José de Ubá (RJ) - junho a outubro	Aré, São João do Paraíso, Itaperuna, Bom Jesus e São José de Ubá	4,50	3,60	-20%
Itaocara (RJ) - maio a novembro	Itaocara	2,50	2,00	-20%
Paty do Alferes (RJ) - abril a agosto	Paty do Alferes, Vassouras e Paraíba do Sul	4,50	4,50	0%
Norte do Paraná - março a junho	Wenceslau Braz, São Jerônimo da Serra, Mauá da Serra, Faxinal, Londrina e Marilândia do Sul	2,00	1,80	-10%
Sul de Minas Gerais - abril a agosto	Conceição do Rio Verde, Conceição das Pedras, Três Corações, Itajubá, Pouso Alegre, São Gonçalo, Poço Fundo, Alfenas, Machado, Três Pontas, Coqueiral, Santana da Vargem, Boa Esperança, Campo do Meio, Pomuceno e Campos Gerais	6,00	6,00	0%
Venda Nova do Imigrante (ES) - jul a dez	Venda Nova do Imigrante	7,50	10,00	33%

Tomate de Mesa - Segunda parte da safra de inverno		Número de pés (milhões)		
Região	Praças de Coleta	2013	2014	Variação (%)
Sumaré (SP) - outubro a dezembro	Sumaré, Nova Odessa, Monte Mor, Elias Fausto, Capivari e Indaiatuba	2,15	2,15	0%
Paty do Alferes (RJ) - setembro a dezembro	Paty do Alferes, Vassouras e Paraíba do Sul	3,50	4,50	29%
Norte do Paraná - setembro a dezembro	Wenceslau Braz, São Jerônimo da Serra, Mauá da Serra, Faxinal, Londrina e Marilândia do Sul	1,10	1,10	0%
Sul de Minas Gerais - setembro a dezembro	Conceição do Rio Verde, Conceição das Pedras, Três Corações, Itajubá, Pouso Alegre, São Gonçalo, Poço Fundo, Alfenas, Machado, Três Pontas, Coqueiral, Santana da Vargem, Boa Esperança, Campo do Meio, Pomuceno e Campos Gerais	4,00	4,00	0%

Tomate de Mesa - Safra de verão		Número de pés (milhões)		
Região	Praças de Coleta	2013/14	2014/15	Variação (%)
Itapeva (SP) - novembro a maio	Itapeva, Guapiara, Apiá, Capão Bonito, Itaberá, Buri, Taquarivaí e Ribeirão Branco	36,00	33,00	-8%
Caçador (SC) - dezembro a abril	Caçador, Rio das Antas, Lebon Régis, Monte Castelo e Macieira	11,50	11,50	0%
Urubici (SC) - dezembro a abril	Urubici	2,50	2,50	0%
Venda Nova do Imigrante (ES) - novembro a junho	Venda Nova do Imigrante	10,00	10,00	0%
Nova Friburgo (RJ) - dez a abril	Bom Jardim, Sumidouro e Teresópolis	6,00	5,50	-8%
Reserva (PR) - novembro a abril	Reserva, Ortigueira e Imbaú	8,00	8,00	0%
Caxias do Sul (RS) - novembro a maio	Caxias do Sul, Nova Petrópolis, Nova Bassano, Pelotas, Nova Prata, Santa Lúcia do Piaí	11,00	10,50	-5%
Agreste de Pernambuco - concentra de setembro a março	Gravatá, Bezerros, Sairé, Camocim do São Félix, São Joaquim do Monte Bonito, Caruaru	4,00	6,00	50%

Tomate de Mesa - Safra Anual		Número de pés (milhões)		
Região	Praças de Coleta	2013/14	2014/15	Variação (%)
Chapada Diamantina (BA)	Alto Paraguaçu	12,00	12,00	0%
Serra da Ibiapaba (CE/PI) - concentra de setembro a março	Guaraciaba, São Benedito, Ibiapina, Ubajara, Tiangua, Viçosa do Ceará, Ipu e Carnaubal	13,00	13,00	0%
Goianópolis	Corumbá, Cocalzinho, Pirinópolis, São João da Aliança, Goianópolis	23,00	23,00	0%
Irecê (BA)	Região de Irecê e Região de Seabra	12,00	12,00	0%
Carmópolis de Minas	Carmópolis de Minas	5,00	4,00	-20%

Obs: Os dados se referem apenas ao plantio do tomate destinado à mesa.

Tomate Rasteiro/Indústria		Hectares		
Região	Praças de Coleta	2013	2014	Variação (%)
Estado de Goiás		14.000,00	13.300,00	-5,0%
Estado de São Paulo	Matão e Araçatuba	4.200,00	3.570,00	-15,0%
Estado de Minas Gerais	Paracatu e Lagoa Grande	950,00	2.200,00	131,6%
Agreste de Pernambuco	Gravatá, Bezerros, Sairé, Camocim de São Félix, São Joaquim do Monte, Bonito e Caruaru	280,00	280,00	0,0%

SECA REDUZ OFERTA MAS GARANTE RENTABILIDADE

Números do mercado de banana em 2014

+0,96%

Leve aumento na área destinada à bananicultura no País

R\$ 1,24/kg

Preço recorde da nanica no VR (abril)

33,3t/ha

Maior produtividade da prata em Bom Jesus da Lapa (jan-nov)

-39%

Redução das exportações para a União Europeia (jan-nov)

Expansão da área em MG e BA compensa queda no RN

A área ocupada com bananais no Brasil teve leve aumento, de 0,96%, em 2014 na comparação com o ano anterior. A expansão está relacionada principalmente aos investimentos no Projeto Jaíba (MG) e em Bom Jesus da Lapa (BA), impulsionados pela boa produtividade. As lavouras totalizaram 12.500 e 10.057 hectares nesta temporada, respectivamente. Em 2014, a equipe Hortifruti/Cepea começou a acompanhar também outros projetos irrigados na Bahia que, juntos, somaram 2.515 hectares, alta de 6% frente a 2013. Por outro lado, no Vale do Ribeira (SP) e no Norte de Santa Catarina a legislação ambiental relacionada à preservação de matas ciliares e remanescentes florestais tem dificultado a expansão para novos plantios. Portanto, nestas duas praças, o cultivo segue estável em 25.000 e 22.270 hectares, nesta ordem. O Rio Grande do Norte foi a única região a apresentar recuo na plantação, após a multinacional norte-americana, instalada no estado, anunciar que não iria exportar a fruta para a União Europeia (UE). Assim, a empresa optou pela liberação de aproximadamente 550 hectares, para investimentos em novas culturas e a área potiguar teve queda de 9,4% na comparação com 2013. As cinco regiões acompanhadas pelo Cepea – Vale do Ribeira (SP), Norte de Santa Catarina, Norte de Minas Gerais, Bom Jesus da Lapa (BA) e Rio Grande do Norte – somam atualmente 75.253 hectares. Em relação à banana prata, em julho, pesquisadores do Cepea passaram a acompanhar a produção da variedade no Vale do São Francisco (BA/PE), com 1.200 hectares de área plantada. A expectativa para 2015 é de expansão da cultura da prata, chegando a ocupar pelo menos 1.500 hectares até o final do ano que vem. Assim, a área to-

tal ocupada com a banana deve atingir 76.327 hectares em 2015. Vale ressaltar que estes valores englobam apenas área de média a elevada tecnificação, com exceção de Santa Catarina e do Vale do São Francisco, onde são acompanhadas as áreas totais. Para o próximo ano, as perspectivas são de leve aumento de 0,6%, em função de novos investimentos no Nordeste.

Preços da nanica são recorde no Vale do Ribeira

A oferta reduzida de banana nanica impulsionou as cotações da variedade no Vale do Ribeira (SP) em 2014. O preço na região atingiu recorde nominal em abril, a R\$ 1,24/kg, considerando-se a série histórica do Cepea, desde 2002, para a variedade nesta região. As elevadas temperaturas registradas nos primeiros meses do ano aceleraram a maturação da fruta, de forma que produtores foram forçados a antecipar o período de colheita. Com pico de oferta entre janeiro e março, o volume da fruta nas roças caiu vertiginosamente em meados do primeiro semestre, elevando os valores neste período. A alta dos preços garantiu uma rentabilidade unitária positiva aos bananicultores do Vale. Apesar da menor produtividade e de perdas de pés e cachos da fruta, em função do extenso período de estiagem e do alto índice de *sigatoka* negra na região, as cotações superaram o custo em aproximadamente 77% na parcial deste ano (janeiro a novembro). Para manter o cenário positivo, produtores devem investir principalmente em tratamentos culturais no próximo ano.

Bom Jesus da Lapa tem a melhor produtividade

Apesar das adversidades climáticas que impactaram a bananicultura em vá-

RTA DE BANANA, PRODUTIVIDADE UNITÁRIA

rias regiões do País ao longo deste ano, em Bom Jesus da Lapa (BA) os reflexos da seca foram sentidos apenas a partir no final de outubro. Com as elevadas temperaturas, as plantações passaram a exigir mais irrigação, porém, em função do baixo volume de água nos rios e reservatórios esta foi limitada. Em meio a tal cenário, a banana teve qualidade menor, uma vez que produtores precisaram efetuar a colheita precocemente por causa da maturação mais rápida. Ainda assim, os bananais da região foram os que menos sentiram os impactos da seca e os que apresentaram maior produtividade dentre as regiões produtoras acompanhadas pelo Hortifruti/Cepea. Enquanto produtores do Vale do Ribeira (SP) tiveram perdas de aproximadamente 30%, a produtividade na Bahia atingiu 33,3 t/ha entre janeiro e novembro/14, média 29,5% superior à obtida entre os mesmos meses do ano passado. Com a chegada das chuvas e novos investimentos na cultura, a produtividade na praça pode ser ainda maior em 2015.

Alterações climáticas promovem alteração no calendário de colheita em MG

O clima atípico deste ano, marcado por elevadas temperaturas, inverno mais curto e baixo volume de precipitações, resultou em alterações do calendário de colheita da banana no Norte de Minas Gerais. Apesar da fruta se beneficiar do clima quente e úmido, o calor excessivo registrado na região entre janeiro e fevereiro fez com que produtores antecipassem a colheita, uma vez que o amadurecimento foi mais acelerado. Em meados do primeiro semestre, já não havia mais fruta nas propriedades mineiras. A oferta da fruta só começou a aumentar novamente no início de julho, mas com as temperatu-

ras mais baixas do período, o volume de banana se reduziu em julho. Desde o final de outubro, no entanto, a oferta das duas variedades cultivadas tem sido bastante elevada. A previsão é de redução apenas no final de dezembro. Dessa forma, durante todo este ano, bananicultores vivenciaram picos de oferta e períodos sem fruta, com as cotações acompanhando a variação da oferta. Para o próximo ano, com a retomada da regularidade nas precipitações, os produtores mineiros esperam oferta mais escalonada.

Produtores do Vale do São Francisco aumentam área com a prata

Em julho deste ano, a equipe Hortifruti/Cepea passou a acompanhar as cotações da banana prata no Vale do São Francisco (BA/PE), região conhecida pela produção da variedade pacovã. A prata, também cultivada há algum tempo na região, sofre grande concorrência das demais praças produtoras, o que dificulta a inclusão desta variedade no mercado doméstico. Além disso, os baixos investimentos com o manejo da fruta, principalmente na pós-colheita, prejudicam a conquista de novos mercados consumidores. Apesar disso, produtores da região se mostram otimistas com a boa produtividade da prata e pretendem expandir a área destinada ao plantio da variedade para o próximo ano.

Exportações para a UE recuam mais de 39%

As exportações para a União Europeia (UE) caíram expressivos 39% na

Júlia Belloni Garcia

é analista de mercado de banana.

Entre em contato:

hfbanana@usp.br



parcial desde ano (janeiro a novembro) em comparação com o mesmo período de 2013, de acordo com dados da Secex. A redução se deve principalmente à decisão da multinacional instalada no Nordeste brasileiro de encerrar os envios à Europa. Para agentes do setor, a elevada concorrência com outras empresas e países, além das altas tarifas impostas ao produto brasileiro na UE contribuíram para tal decisão. Vale lembrar que as exportações ao bloco europeu continuam, mesmo que em volume mais reduzido, tendo em vista que outros grandes produtores do RN e CE têm enviado a fruta ao exterior. Por outro lado, o envio de fruta aos membros do Mercosul foi 5,2% maior no mesmo comparativo, atingindo a casa dos 47 milhões de toneladas. Esse incremento nos envios resultou da elevada oferta da fruta no norte de Santa Catarina, que pressionou os valores domésticos da banana e tornou o mercado internacional mais atrativo aos bananicultores catarinenses. Além disso, os preços mais baixos tornam a fruta brasileira mais competitiva, estimulando o consumo nos países vizinhos. Para o próximo ano, previsões apontam aumento dos embarques de banana, com a região norte de Minas Gerais podendo iniciar a exportação de prata à Europa.

Após meses de negociação, a brasileira Cutrale compra a Chiquita

Em outubro, a Cutrale, indústria nacional do setor citrícola, em parceria com o Grupo Safra, se fundiu à norte-americana Chiquita, uma das maiores empresas exportadoras de banana. A compra foi aprovada pelos acionistas

da Chiquita, após deixarem de lado a proposta da irlandesa Fyffes e negociações anteriores com a própria Cutrale. Desde o primeiro semestre, acionistas das duas multinacionais estudavam a possibilidade de se unir, objetivando formarem a maior empresa do setor de frutas do mundo, a ChiquitaFyffes. Porém, apesar da forte recomendação da direção da Chiquita, que acreditava que a negociação poderia trazer mais benefícios à empresa no longo prazo, os acionistas votaram contra a fusão. No final de outubro, após a terceira tentativa de aquisição da Chiquita, a Cutrale-Safra comprou a empresa de bananas. Ainda não é possível mensurar os impactos dessa negociação na bananicultura local, mas agentes do setor se mostram otimistas.

Brasil suspende importação de banana do Equador

Anunciada durante o primeiro semestre deste ano, a liberação das importações da banana do Equador ao Brasil provocou indignação entre os produtores brasileiros. Isso porque a entrada da fruta equatoriana no mercado doméstico poderia colocar em risco grande parte da produção brasileira, em decorrência de questões fitossanitárias, além gerar maior concorrência com a banana nacional. Em agosto, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), após pressões de produtores e agentes do setor, criou um grupo para estudar os impactos da medida e suspendeu temporariamente a importação da fruta do Equador até o término dos trabalhos. O grupo tem discutido desde então as ameaças de pragas e doenças importadas e a autossuficiência do Brasil na cultura da banana, mas ainda não chegou a um veredito final sobre o assunto.

Estatística de Produção - Banana*

*As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado.

Região	Praças de Coleta	Área plantada (ha)		
		2013	2014	Variação (%)
Vale do Ribeira - Registro (SP) ¹	Barra do Turvo, Cajati, Cananéia, Eldorado, Iguape, Iporanga, Itariri, Jacupiranga, Juquiá, Miracatu, Pariquera-Açu, Pedro de Toledo, Registro e Sete Barras	25.000	25.000	0,0%
Norte de Minas Gerais ²	Norte de Minas Gerais	12.058	12.500	3,7%
Norte de Santa Catarina	Barra Velha, Corupá, Garuva, Guaramirim, Jaraguá do Sul, Joinville, Luiz Alves, Massaranduba, São João do Itaperiú, Schroeder e São Francisco do Sul	22.270	22.270	0,0%
Bom Jesus da Lapa (BA)	Bom Jesus da Lapa, Mirorós, Sebastião Laranjeiras, Urandi, Ceraíma e Santa Maria da Vitória, Barreiras Norte e Barreiras Sul	6.984	7.542	8,0%
Outros Perímetros Irrigados da Bahia	Ibipeba, Coribe, Urandi, Sebastião Laranjeiras, Guanambi, Barreiras, São Desidério e Riachão das Neves	2.373	2.515	6,0%
Rio Grande do Norte e Ceará	Polo exportador do Vale do Açu: Natal e Ipangaçu (RN) e Limoeiro do Norte (CE)	5.850	5.300	-9,4%
Vale do São Francisco (BA/PE)	Juazeiro e Petrolina	-	1.200	0,0%

Fontes: Cati Registro/SP, Abanorte, Epagri, Coofrulapa e agentes de mercado consultados pelo Cepea.

¹Os dados referem-se à área cultivada com média e alta tecnologia, características específicas do Vale do Ribeira (SP).

²Águas Vermelhas, Berizal, Capitão Enéas, Catuti, Claro dos Poções, Coração de Jesus, Engenheiro Navarro, Espinosa, Francisco Dumont, Francisco Sá, Gameleiras, Itacarambi, Jaíba, Janaúba, Mamonas, Manga, Matias Cardoso, Mato Verde, Mirabela, Monte Azul, Montes Claros, Nova Porteira, Novo Horizonte, Pedras de Maria da Cruz, Porteira, Riacho dos Machados, Rubelita, Salinas, Santo Antônio do Retiro, São Francisco, São João da Lagoa, São João da Ponte, São João das Missões, Varzelândia e Verdelândia.

PREÇOS SOBEM, MAS AINDA NÃO GARANTEM BOA RENTABILIDADE A PRODUTORES INDEPENDENTES

Números do mercado de citros em 2014

R\$ **1,38/cx**

Diferença entre o preço mínimo do governo federal (R\$ 11,45/cx) e o **valor médio** recebido pela pera e tardias na venda à indústria (julho a novembro)

104,6
mil caixas

Volume colhido pela Flórida em 2013/14, a **menor safra** dos últimos 29 anos

-32%

Redução prevista nos estoques de suco das indústrias paulistas ao final de 2014/15 (junho/15)

R\$ **95,02/cx**

Preço da tahiti registrado em 04/11/2014, o **maior valor diário** de toda a série do Cepea (1996)

Citricultura tem mais uma safra com preço abaixo do custo

A temporada 2014/15 registrou cotações maiores para a laranja em relação à anterior, conforme as expectativas iniciais de agentes do setor. Contudo, os valores na indústria não subiram o suficiente para cobrir os custos de produção, segundo colaboradores do Cepea. A média da parcial da safra (julho a 5 de dezembro de 2014) para as laranjas pera e tardias foi de R\$ 10,07/cx de 40,8 kg, colhida e posta na indústria, aumento de 36% ante a média do segundo semestre de 2013, mas 12% inferior ao preço mínimo definido pelo governo federal, de R\$ 11,45/cx – vale lembrar que o preço mínimo não é considerado equivalente ao custo de produção, mas pode servir serve como referência do custo de produção. Já o preço das precoces subiu 38% no período, na média de R\$ 8,30/cx (valores de setembro de 2014, período em que as indústrias receberam estas frutas). A maioria dos produtores esperava que a reação nos preços em 2014/15 fosse mais intensa, visto que a safra seria reduzida – segundo a CitrusBR, o cinturão citrícola (São Paulo e Triângulo Mineiro) deve colher 308,8 milhões de caixas de 40,8 kg. Contudo, os estoques elevados de suco vindos da temporada 2013/14 – de 534 mil toneladas, de acordo com a CitrusBR – limitaram as compras, resultando em mais um ano de preços abaixo do custo para os produtores independentes (sem contrato de longo prazo).

Seca limita crescimento das laranjas em 2014/15

As chuvas abaixo da média verificadas em 2014 limitaram o desenvolvimento das laranjas. Segundo colaboradores do Cepea, o principal efeito foi o

menor calibre das frutas colhidas, principalmente para a variedade pera. Dessa forma, produtores precisaram de mais frutas para encher uma caixa de 40,8 kg, reduzindo a produtividade por planta. Do lado industrial, contudo, este cenário foi benéfico, visto que deixou as frutas com maior concentração de sólidos solúveis, e consequentemente melhorou o rendimento – necessitando de menos caixas de laranja para fazer uma tonelada de suco. A CitrusBR estima que o rendimento industrial melhore para 265 caixas para cada tonelada de suco, o equivalente a 6% menos laranjas por tonelada que na temporada 2013/14. Agentes do setor, contudo, acreditam que o rendimento possa ser ainda melhor.

Consecitrus é aprovado pelo Cade

A criação do Consecitrus (Conselho dos Produtores de Laranja e da Indústria de Suco de Laranja), criado pelo setor para, entre outras atividades, definir melhor a remuneração dos produtores de laranja, foi aprovada pelo Cade (Conselho Administrativo de Defesa Econômica) em 2014, porém ainda não está em operação. Fazem parte do Conselho, com direito a voto, a Associtrus (Associação Brasileira de Citricultores), a SRB (Sociedade Rural Brasileira) e a Faesp (Federação da Agricultura do Estado de São Paulo), como representantes dos produtores. Já a CitrusBR (Associação Nacional dos Exportadores de Sucos Cítricos) representa as indústrias de suco. De acordo com as regras estabelecidas pelo Cade, o Consecitrus deverá seguir algumas etapas antes da sua implementação, que está prevista para 2016. O Consecitrus é importante para a citricultura como um todo, visto que pode promover uma distribuição de renda mais equilibrada, além de melhorar o ambiente de negócios no setor.

Leilões de Pepro complementam renda de citricultores

Durante a safra 2014/15, ocorreram novos leilões de Pepro (Prêmio Equalizador Pago ao Produtor Rural) realizados pelo governo federal. Assim produtores receberam um complemento à renda, equivalente à diferença entre o preço médio recebido pela pera e tardias na venda à indústria entre julho e novembro/14 e o valor mínimo estipulado pelo governo, de R\$ 11,45/cx. Produtores consideraram benéfico o auxílio, apesar de acharem baixo o limite de participação para cada citricultor – de 20 mil caixas, somando todas as operações. Foram disponibilizados nos leilões R\$ 50 milhões, distribuídos em seis operações para São Paulo, com prêmios arrematados para 17,7 milhões de caixas; três para Minas Gerais, com prêmios para 38,2 mil caixas; quatro para o Paraná, com prêmios para 772,4 mil caixas e três para o Rio Grande do Sul, com prêmios para 198,64 mil caixas.

Preço da pera é o maior em dois anos

Os preços da laranja pera de mesa subiram novamente em 2014, superando os valores registrados nos dois últimos anos. O principal motivo foi a safra relativamente pequena no estado de São Paulo, que permitiu uma oferta controlada da fruta *in natura*. Dessa forma, os valores se elevaram, e só não superaram os anos de 2010 e 2011. No caso da laranja lima e baía, os preços de 2014 bateram recordes em praticamente todos os meses do ano, enquanto a tangor murcote e a tangerina poncã registraram os maiores preços da série durante todo o ano de 2014.

Estiagem pode prejudicar produção em 2015/16

A forte seca de 2014 atrasou a

abertura das flores nos pomares de laranja sem irrigação. Contudo, após as chuvas verificadas em agosto, as plantas (que estavam sob forte estresse hídrico) abriram floradas abundantes em setembro – no caso das áreas irrigadas, a primeira abertura ocorreu em agosto. Apenas em 2015 deve ser possível quantificar a produção da temporada 2015/16, mas produtores já estavam temerosos quanto ao “pegamento”, já que apesar das boas floradas, as plantas estavam bem debilitadas, e a condição das árvores costuma interferir na quantidade de chumbinhos que se tornarão frutas. Além disso, novamente houve a saída de muitos citricultores da cultura e a redução de tratamentos culturais, ambos em função de vários anos de rentabilidade negativa, o que também deve impactar na redução do volume de laranja da próxima safra.

Estoques podem cair 32% ao final desta safra

O volume de suco de laranja estocado nas indústrias paulistas deve se reduzir significativamente durante a temporada 2014/15. Dessa forma, a próxima safra tende a começar com estoque bem próximo do considerado estratégico para as processadoras. Segundo a CitrusBR, a temporada 2015/16 deve começar com 364 mil toneladas de suco estocado (em equivalente concentrado), redução de 32% ante o disponível no mesmo período de 2014/15. Assim, as indústrias devem depender totalmente do volume de fruta da safra 2015/16 para garantir a produção de suco. Caso a oferta seja grande, as processadoras conseguirão bons volumes de matéria-prima para manter os estoques confortáveis ao final de 2015/16, porém se for novamente pequena, o volume de suco disponível poderá cair abaixo do nível estratégico, dificultando a oferta do produto.

Flórida colhe a menor safra em 29 anos

Pela segunda temporada seguida, a Flórida sentiu os impactos do *greening* em sua produção de laranja. Segundo o USDA, o estado norte-americano colheu em 2013/14 104,6 milhões de caixas de 40,8 kg, forte redução de 22% ante a anterior. Já para a temporada 2014/15, a expectativa é que a doença deve seguir prejudicando a produtividade dos pomares locais, mas, ainda assim, o USDA estimou uma produção um pouco superior à anterior, de 108 milhões de caixas. Vale lembrar que, apesar do aumento ante 2013/14, este volume ainda é considerado pequeno para os padrões da Flórida. Em relação ao mercado citrícola brasileiro, a menor produção de laranja e de suco norte-americanos já aumentou e deve manter em elevação as exportações da *commodity* aos Estados Unidos. A menor produção de matéria-prima pode inclusive melhorar os preços recebidos por produtores brasileiros, visto que deve resultar em maior demanda da indústria pela fruta.

Com menor safra da FL, aumenta demanda dos EUA por suco do BR

A safra reduzida de laranja da Flórida já começou a aumentar a demanda dos norte-americanos por suco brasileiro na temporada 2013/14. Segundo dados da Secex, o Brasil exportou de julho/13 a junho/14, 7% menos suco de laranja a todos os destinos. Contudo, se considerar apenas as vendas aos EUA, o volume foi 3% superior na mesma comparação. As vendas aos Estados Unidos poderiam até ter sido mais aquecidas, porém o baixo rendimento das laranjas em 2013/14 dificultou a fabricação de suco nos padrões exigidos pelo país. Já para a temporada 2014/15 (julho/14 a junho/15), a expectativa é que a demanda dos EUA por suco brasileiro continue firme. Na parcial da temporada (julho a

**Caroline Ochiuse Lorenzi (esq.),
Carolina Nogueira
e Fernanda Geraldini Palmieri**
são analistas de mercado de citros.

Entre em contato:

hfcitros@usp.br



outubro/14), os embarques nacionais aos Estados Unidos foram 12% superiores que no mesmo período da safra anterior. Vale lembrar que todos os volumes são convertidos em equivalente suco concentrado.

Cotação da tahiti é recorde em 2014

Os preços da lima ácida tahiti atingiram, na entressafra de 2014, o maior valor em termos nominais de toda a série do Cepea, iniciada em 1996 para a variedade. No dia 04 de novembro, a média da tahiti comercializada por produtores paulistas foi de R\$ 95,02/cx de 27 kg, colhida, mas houve relatos de negociações

acima de R\$ 100,00/cx. Apesar de ser um período considerado de entressafra, em que comumente a tahiti é valorizada, os valores foram recordes em função da seca, que atrasou o crescimento dos frutos. Já na época de safra (primeiro quadrimestre do ano), as cotações também foram altas e só não superaram as de janeiro e fevereiro de 2011, quando houve deslocamento do pico de colheita.

Seca pode impactar safra 2015 de tahiti

O pico de safra de tahiti em São Paulo, que comumente ocorre nos quatro primeiros meses do ano, pode atrasar em 2015 devido à seca verificada

neste ano. Segundo colaboradores do Cepea, a falta de chuvas retardou a abertura de floradas, e as que abriram foram pouco intensas. Em novembro, alguns pomares registraram novas florações, e a expectativa é que o volume de frutas disponível no primeiro trimestre de 2015 seja escalonado, aumentando a partir de abril – porém, com a oferta a depender das flores que abriram em outubro/14 e da umidade necessária para que haja o “pegamento” dos frutos. Dessa forma, a expectativa geral é que a queda nos preços (devido ao período de maior oferta do período) seja amenizada no próximo ano, caso o cenário se confirme.

ESTATÍSTICA DE OFERTA - CITROS

SÃO PAULO (safra comercial: julho a junho)		Fonte	2013/14	2014/15*	Varição (%)
Volume de Produção ¹	milhões de caixas	CitrusBR	289,90	308,80	6,5%
Produtividade ¹	caixas/pé	CitrusBR	1,85	2,02	9,4%
Pés em Produção ¹	milhões de árvores	CitrusBR	157,00	152,90	-2,6%
Produção de Suco ²	Equivalente mil t FCOJ (66 °Brix)	CitrusBR	851,00	973,00	14,3%
Volume de Exportação de Suco ²	Equivalente mil t FCOJ (66 °Brix)	Secex/CitrusBR	1.108,00	1.080,00	-2,5%
Estoque Final de Suco ²	Equivalente mil t FCOJ (66 °Brix)	CitrusBR	534,00	364,00	-31,8%

* Os dados de 2014/15 são passíveis de alterações.

¹ Os dados de volume de produção, produtividade e de pés em produção abrangem a produção paulista e do Triângulo Mineiro

² Todos os tipos de suco foram convertidos em equivalente FCOJ (suco de laranja concentrado e congelado). Dados de produção de suco, exportação e estoque referentes à 2014/15 são estimativas de agosto/14 da CitrusBR.

FLÓRIDA (safra comercial: outubro a setembro)		Fonte	2013/14*	2014/15*	Varição (%)
Volume de Produção	milhões de caixas	USDA	104,60	108,00	3,3%
Produtividade	caixas/pé	USDA	1,83	1,93	5,6%
Pés em Produção	milhões de árvores	USDA	57,15	55,89	-2,2%
Disponibilidade de Suco ²	Equivalente mil t FCOJ (66 °Brix)	USDA	962,80	938,70	-2,5%
Vendas ²	Equivalente mil t FCOJ (66 °Brix)	USDA	627,10	595,70	-5,0%
Estoque Final de Suco ²	Equivalente mil t FCOJ (66 °Brix)	USDA	335,20	343,00	2,3%

* Os dados de 2014/15 são passíveis de alterações.

² Todos os tipos de suco foram convertidos em equivalente FCOJ (suco de laranja concentrado e congelado).

BAIXA QU DESVALORIZA

Números do mercado de mamão em 2014

-19%

**Rentabilidade unitária
do mamão formosa no Sul da Bahia
(junho)**

-23%

**Queda no preço médio
do havaí em em 2014 frente a 2013
(jan-nov)**

19%

**Aumento das exportações
em 2014 frente a 2013
(jan-nov)**

-22,2%

**Diminuição da área
no oeste da Bahia
em 2014**

Área tem redução de apenas 0,7% em 2014

A área cultivada com mamão nas principais regiões produtoras acompanhadas pelo Cepea no Brasil em 2014 teve queda de somente 100 hectares (0,7%) frente ao ano anterior, somando 14.000 hectares. Este recuo é pouco significativo frente às constantes diminuições que vêm ocorrendo desde 2010. O Oeste da Bahia é a região produtora que apresenta recuo mais expressivo na área. Neste ano, a região cultivou 1.400 hectares, 22,2% abaixo do observado em 2013. O recuo já era esperado por agentes locais e deve continuar se repetindo nos próximos anos. A tendência para o oeste baiano é que a produção de mamão diminua cada vez mais, tendo em vista que grandes empresas da região migraram para outros polos produtivos ou substituíram a cultura, principalmente por grãos. Um grande problema enfrentado por produtores baianos tem sido a falta de mão de obra. Além disso, a produtividade está inferior à observada em outras regiões, o que faz com que a rentabilidade seja menor, desestimulando produtores. No Espírito Santo, por outro lado, a área de mamão aumentou 8,1% na comparação com 2013, fechando em 4 mil hectares. Segundo produtores capixabas, o aumento deveria ter sido ainda maior. A alta nas exportações de mamão em 2014 animou produtores. Porém, as enchentes causadas pelo excesso de chuvas no começo do ano limitaram os investimentos. Já outras importantes regiões produtoras mantiveram a área em 2014: Sul da Bahia, com 5.600 hectares, Rio Grande do Norte, com 1.500 hectares e Norte de Minas Gerais, com 1.500 hectares. A expectativa era de que a área em Minas Gerais aumentasse 500 hectares neste ano. Porém, com a

maior incidência do vírus do mosaico nesta região, produtores estiveram desestimulados para investir. As apostas para 2015 indicam que a área total de mamão no Brasil pode se recuperar e voltar aos 14.100 hectares. Produtores maiores e mais tradicionais do Espírito Santo e do Sul da Bahia podem aumentar os investimentos em detrimento dos menores, que ficaram descapitalizados neste ano por conta dos preços menos remuneradores.

Baixa qualidade pressiona cotações

Em 2014, as cotações de mamão estiveram abaixo das observadas em 2013. O havaí 12-18, por exemplo, foi negociado a R\$ 0,72/kg, na média de todas as regiões acompanhadas pelo Cepea, entre janeiro e novembro, valor 23% menor frente ao do mesmo período do ano anterior. O principal motivo da queda foi a menor qualidade da fruta na comparação com 2013, sendo o clima o fator mais influente. As chuvas volumosas em janeiro aumentaram a incidência de doenças fúngicas, como “barba de papai noel” e pinta-preta. Os efeitos das chuvas do começo de ano e da consequente falta de pulverização prosseguiram até maio. Passado o período de umidade, a seca predominou na maioria das regiões produtoras. Com isso, a incidência de ácaros e mancha fisiológica aumentou consideravelmente. As frutas começaram a amadurecer antes do período ideal e com calibre fora do padrão de comercialização. Neste cenário de clima adverso, a oferta também foi prejudicada: com excesso de água e posterior seca, os pés de mamão passaram por um estresse. Assim, houve período de “pescoço” nas roças, sobretudo no segundo semestre. No geral, os preços do mamão oscilaram considera-

ALIDADE MAMÃO EM 2014

velmente em 2014, chegando até a ficar 19% abaixo dos custos unitários para o formosa no Sul da Bahia em junho. Atacadistas também alegam que foi um ano difícil, pois houve períodos em que a variação era muito elevada, e o mercado, por muitas vezes, ficava lento. Para o próximo ano, mamonicultores devem ter maior cuidado com o manejo. Mesmo assim, a qualidade da fruta segue ligada ao clima.

Exportações em 2014 superam as do ano anterior

Em contraste com as vendas domésticas mais lentas em 2014, os envios da fruta ao exterior aumentaram consideravelmente neste ano. De janeiro a novembro, o Brasil exportou 30,8 mil toneladas de mamão, volume 19% maior em relação ao mesmo período do ano anterior, de acordo com a Secex (Secretaria de Comércio Exterior). A receita obtida com estes envios foi de US\$ 43 milhões (FOB), valor 14% superior, na mesma comparação. Apesar da baixa qualidade do mamão brasileiro, exportadores alegam que conseguiram atender aos pedidos do exterior. Isso porque

as melhores frutas produzidas no País foram destinadas ao mercado internacional. O estado que mais exportou foi o Espírito Santo, seguido pela Bahia e Rio Grande do Norte. Os países que mais compraram mamão brasileiro em 2014 foram: Portugal, Reino Unido e Espanha, nesta ordem. O meio mais utilizado para o transporte de mamão continua sendo o aéreo, que representa 89,6% do total enviado. Para 2015, a previsão de exportadores de mamão é que o mercado siga aquecido, podendo até mesmo superar 2014 nos envios. Isso porque, após a Copa do Mundo no Brasil, tem havido maior demanda na Europa por frutas exóticas brasileiras, sobretudo por mamão.

Mosaico preocupa agentes do Norte de MG

Durante todo o ano de 2014, produtores do Norte de Minas Gerais enfrentaram problemas com o vírus do mosaico. Esta doença tem se concentrado no Projeto Jaíba, maior projeto público de irrigação em área contínua da Amé-

rica Latina. Com várias áreas de mamão próximas uma da outra neste projeto, o vírus se alastrou com facilidade. Agentes do setor indicam que o pulgão é o vetor de transmissão do mosaico – ainda não foi comprovado se o vírus também pode ser transmitido por outros vetores. Nas áreas infectadas em Jaíba, boa parte dos produtores não tem praticado o *roguing* – corte de pés infectados. Com isso, a doença se espalha rapidamente. Outro fator que dificulta o fim deste problema na região é a falta de fiscalização. Segundo colaboradores do Cepea, não há fiscalização efetiva no Norte de Minas. No Espírito Santo, por exemplo, os problemas com mosaico diminuíram expressivamente a partir do momento em que a Brapex (Associação Brasileira dos Produtores e Exportadores de Papaya), junto ao Idaf (Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal do ES), começou a demandar o manejo adequado de áreas com o vírus. Para 2015, a expectativa é de que a fiscalização seja mais efetiva na região mineira, encorajando produtores e elevando os investimentos.



Lucas Conceição Araújo

é analista de mercado de mamão.

Entre em contato:

hfmamao@usp.br

ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - MAMÃO*

*As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado.

Região	Praças de Coleta	Área plantada (ha)		
		2013	2014	Variação (%)
Espírito Santo	Região de Pinheiros (Montanha, Pedro Canário e Boa Esperança) e Linhares (Sooretama, Rio Bananal e Jaguaré)	3.700	4.000	8,1%
Oeste da Bahia	Barreiras, Luiz Eduardo Magalhães, Santa Maria da Vitória, Bom Jesus da Lapa e São Felix do Coribe	1.800	1.400	-22%
Sul da Bahia	Teixeira de Freitas, Nova Viçosa, Itabela, Prado, Porto Seguro, Vereda, Itamarajú, Belmonte, Caravelas, Alcobaça, Mucuri, Eunápolis, Ibirapuã e Santa Cruz Cabralia	5.600	5.600	0%
Rio Grande do Norte	Mossoró e faixa de São José de Mipibu a Touros	1.500	1.500	0,0%
Norte de Minas Gerais	Janaúba, Jaíba e Montes Claros	1.500	1.500	0%

Fonte: Agentes de mercado consultados pelo Cepea.

PREÇOS DA MAÇÃ, RECUAM NO 2º

Números do mercado de maçã em 2014

20%

**Elevação dos estoques
brasileiros de maçã frente a 2013
(julho a novembro)**

104,7 mil toneladas

**Volume recorde
de importações desde 1998
(jan-nov)**

48%

**Recuo nas exportações
em relação a 2013
(jan-nov)**

12%

**Queda do preço na parcial
do 2º semestre frente a 2013
(jul-nov)**

Área de maçã tem ligeiro aumento

As estimativas indicam leve alta na área de maçã na safra 2014/15. São Joaquim (SC) registrou ligeiro aumento na área por conta dos investimentos e parcerias realizadas entre grandes produtores de outras regiões com os de pequeno porte na serra catarinense, somando 11.835 hectares. Há tendência de migração para as regiões de maior altitude de SC porque essas áreas têm tido clima mais favorável ao cultivo da fruta. A produção na região de Fraiburgo (SC), por outro lado, tem apresentado problemas com a instabilidade do clima – em alguns anos o frio não é suficiente, enquanto em outros há granizos e geadas, entre outras intempéries. Assim, Fraiburgo deve cultivar 5.950 hectares na safra 2014/15, queda de 2,5% frente à de 2013/14. Quanto ao Rio Grande do Sul, a área segue estável na safra 2014/15. Vacaria conta com 11.042 hectares e, Caxias do Sul, com 2.220 hectares. A área total de maçã acompanhada pelo Cepea é de 32.586 hectares na safra 2014/15, com leve alta frente à anterior, de acordo com o levantamento junto às associações do setor – ABPM, Agapomi e Amap. Essa área corresponde não apenas à soma das quatro principais regiões produtoras acompanhadas pelo Cepea, mas sim à área total dos estados do RS e SC.

Maior oferta e problemas de qualidade marcam 2014

A safra de maçãs de 2013/14 foi positiva, mas ainda abaixo das expectativas de produtores do Sul do País. A temporada anterior havia registrado preços recordes e rentabilidade unitária elevada; assim, produtores estavam animados para a safra 2013/14. Contudo, devido ao calor excessivo no início deste ano,

a qualidade da maçã, principalmente a gala, foi prejudicada. A princípio, produtores priorizaram o escoamento dessa variedade, tendo em vista que a previsão era de que a gala não suportasse um longo período de armazenamento. Então, a maior parte dos produtores estocou a fuji nas câmaras frias no primeiro semestre para ofertar bons volumes na segunda parte do ano. A fuji, porém, também apresentou problemas, como a baixa resistência, apesar de ter tido maior tempo no pomar para se recuperar do clima quente de janeiro. Com boa produção, baixa das vendas internacionais e aumento das importações em 2014, a oferta no mercado interno esteve elevada, mas a comercialização foi mais lenta do que o esperado. Colaboradores do Cepea informam, ainda, que os estoques brasileiros de maçã estiveram 20% maiores entre julho e novembro em comparação com o mesmo período de 2013. Assim, as cotações recuaram no segundo semestre, ao contrário de anos anteriores. Na média geral das regiões de Fraiburgo (SC), São Joaquim (SC) e Vacaria (RS), a gala graúda categoria 1 foi negociada, de julho a novembro, a R\$ 54,62/cx de 18 kg, valor 12% menor frente ao mesmo período de 2013 e 3% abaixo da média do primeiro semestre de 2014.

Balança comercial deve fechar negativa mais uma vez

Desde 2010, a balança comercial de maçãs vem sendo negativa para o Brasil e, neste ano, não será diferente. Segundo dados da Secex, de janeiro a novembro, o Brasil recebeu US\$ 32 milhões com as exportações da maçã brasileira e gastou US\$ 100,2 milhões com importações. Com isso, a balança comercial da maçã no País esteve negativa em US\$ 68 milhões no período. Em relação ao volume,

ATÍPICAMENTE, SEMESTRE

o de maçãs importadas é recorde da série histórica da Secex (iniciada em 1998), considerando-se a parcial do ano (janeiro a novembro), atingindo 104,7 mil toneladas. Já a quantidade exportada recuou consideravelmente frente aos últimos anos e, em 2014 (janeiro a novembro), foi de 44 mil toneladas, queda de 48% ante 2013, no mesmo período. Para 2015, as expectativas quanto às exportações ainda não são as melhores. A Europa, maior compradora da fruta brasileira, produziu, na safra 2014, 11,9 milhões de toneladas, a maior safra desde 2006, segundo a Associação Mundial de Maçã e Pera (WAPA). Além disso, os estoques de maçã seguem elevados no bloco europeu. Outro fator que pode limitar as exportações à UE é o embargo russo a alimentos da Europa e dos EUA. Com isso, países que enviavam a maçã para a Rússia têm direcionado parte ao mercado brasileiro já no segundo semestre de 2014, podendo continuar em 2015. O mercado doméstico mais atrativo e comprador limita os envios, o que é positivo a produtores brasileiros e estrangeiros. O alavancado consumo interno pode continuar impulsionando as importações de maçã em 2015.

Safra 2014/15 está em pleno andamento

As atividades de campo da safra 2014/15 estão a pleno vapor. Porém, pomares de fuji apresentam frutificação desuniforme e não tão intensa quanto o esperado. Além de este ano ser de alternância de produção negativa desta variedade (mais parte vegetativa e menos frutos), a polinização foi comprometida devido às chuvas de outubro e novembro/14 e, com isso, o “pegamento” também esteve aquém do esperado. Segundo agentes, a região que pode apresentar redução mais expressiva no volume de fuji é São Joaquim (SC), maior produtora desta variedade. No entanto, ainda é cedo para uma posição mais consolidada, visto que a contagem efetiva de frutos ainda não havia sido realizada até o fechamento desta edição, no início de dezembro. Além disso, os pomares gaúchos tem apresentado abortamento de frutos acima do normal. O clima durante o período de desenvolvimento da gala e da fuji é crucial para determinar o volume

Flávia Noronha do Nascimento
é analista de mercado de maçã.

Entre em contato:

hfmaca@usp.br



da safra – que ocorre entre dezembro/14 e janeiro/15. Até então, a expectativa é de safra semelhante ou de leve queda na comparação com a 2013/14, quando foram colhidas 1,04 milhão de toneladas, segundo a ABPM.

PR pode ter safra de eva maior

A colheita de maçãs precoces (eva e condessa) foi iniciada na última semana de novembro, sobretudo no Paraná. A previsão é de que as regiões do sul do Paraná e norte de Santa Catarina devam colher 21 mil toneladas nesta safra, segundo estimativas da Associação dos Fruticultores do Paraná (Frutipar). A expectativa é de que a eva e a condessa tenham preços menos remuneradores na média desta temporada frente à anterior, devido aos estoques da fuji 2013/14, que ainda têm sido comercializados. Além disso, a gala da safra 2014/15 deve começar a ser colhida em janeiro, pressionando as cotações no final da campanha de precoce.

ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - MAÇÃ*

*As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado.

Região	Praças de coleta	Área plantada (ha)		
		2013 (a)	2014 (b)	Varição (%)
Vacaria (RS)	Vacaria, Antônio Prado, Ipê, Bom Jesus, São José dos Ausentes, Monte Alegre dos Campos e Muitos Capões	11.042	11.042	0,0%
Caxias do Sul (RS)	Caxias do Sul, Veranópolis, Bento Gonçalves, Flores da Cunha, Farroupilha e São Marcos	2.220	2.220	0,0%
Fraiburgo (SC)	Fraiburgo, Água Doce, Lebon Régis, Monte Carlo, Tangará, Rio das Antas e Santa Cecília	6.100	5.950	-2,5%
São Joaquim (SC)	São Joaquim, Lages, Urubici, Urupema, Bom Retiro, Paineira, Bom Jardim da Serra, Bocaina do Sul, Campo Belo do Sul, Capão Alto e Rio Rufino	11.730	11.835	0,9%

(a) Safra 2013/14
(b) Safra 2014/15

Fonte: Agentes de mercado, ABPM, AMAP e Agapomi.

SECA AFETA PRODUÇÃO MAS CLIMA ANIMA

Números do mercado de manga em 2014

US\$ **106,7**
mi

Receita adquirida com embarques de manga, fruta que mais arrecadou divisas **entre janeiro e novembro de 2014**

30%

Redução da produtividade da *tommy* Petrolina (PE)/Juazeiro (BA) (abril)

14,6%

Diminuição da área em Livramento de Nossa Senhora (BA) em 2014

30%

Redução da produtividade da *tommy* em Monte Alto (SP) em 2014

Safra 2013/14 é positiva em SP para quem ofertou fruta de qualidade

A temporada 13/14 de Monte Alto/Taquaritinga (SP) se iniciou em novembro/13 com a oferta de *tommy*, e em dezembro/13, com a de *palmer*. Durante as floradas, no último trimestre de 2013, fortes ventos ocasionaram atraso na produção. Com isso, produtores esperavam menor produção nessa temporada. Porém, no início de 2014, o clima seco contribuiu para a recuperação de parte da produção. Apenas nos últimos meses de colheita, chuvas comprometeram a qualidade das frutas, sendo vendidas às indústrias a preços inferiores. Devido à baixa oferta da variedade *palmer* no mercado nacional, sobretudo de frutas de boa qualidade, o preço foi remunerador para produtores. De dezembro a fevereiro, a *palmer* foi vendida a R\$ 1,49/kg em Valparaíso/Mirandópolis e a R\$0,64/kg em Monte Alto/Taquaritinga. Mas, com o atraso na produção nesta última praça, em março, ainda havia 15% do volume de manga para ser colhido. A rentabilidade, portanto, foi positiva nas praças paulistas, principalmente para quem ofertou frutas de boa qualidade.

Seca em SP reduz produtividade e calibre da safra 2014/15

As floradas da safra 2014/15 das mangueiras paulistas abriram em julho. Com excelente desempenho das plantas devido ao estresse hídrico, produtores tinham grandes expectativas quanto à produtividade nesta temporada. No entanto, a volta das chuvas em setembro foi irregular, causando redução de 30% na produtividade média da *tommy* em outubro. Além disso, o calibre da manga está menor. Muitos produtores adiaram

o início da colheita, esperando chuvas, mas, mesmo assim, as primeiras *tommys* colhidas não apresentaram recuperação no calibre. Porém, com o retorno das chuvas em outubro, a safra 2014/15 não será totalmente afetada.

BA também enfrenta com seca, mas segue com irrigação

As regiões de Livramento de Nossa Senhora e Dom Basílio (BA) têm enfrentado longos períodos de seca nos últimos três anos, afetando drasticamente os pomares de manga. Prova disso foi a diminuição de 14,6% na área deste ano frente a 2013, além da queda na produtividade das mangueiras. Ao longo de 2014, a ausência de precipitações fez com que a irrigação, que é de apenas 12 horas semanais, tivesse possibilidade de corte diversas vezes. Como isso não ocorreu, produtores que tinham acesso à irrigação conseguiram manter a vitalidade das plantas remanescentes. O excesso de calor também afetou a qualidade da fruta, que apresentou menor calibre. A oferta esteve escalonada ao longo do ano, sendo encerrada com um mês de antecedência, em novembro. Para agentes que tiveram boa produtividade, a cultura foi rentável. De maio a outubro, a variedade *palmer* foi vendida na região a R\$ 1,38/kg, em média. Mesmo com o retorno das chuvas, a produção para 2015 ainda pode ser limitada, tendo em vista a debilitação e morte de mangueiras nos últimos anos.

Produtores mineiros têm planos de exportar

2014 foi mais um ano de boa safra para produtores do norte de Minas Gerais. Com clima favorável, a região de Jaíba e Janaúba tem conseguido ofertar

ÇÃO NA BA E EM SP, PRODUTOR EM MG



Ana Luisa Antonio Pacheco
é analista do mercado de manga.

Entre em contato:

hfmanga@usp.br

manga de qualidade e com volume escalonado ao longo do ano, além de ter um mercado comprador regional, obtendo preços remuneradores durante toda a safra. Neste ano, a colheita da *palmer* se intensificou em junho/julho para atender a expectativa de maior demanda durante a Copa do Mundo no Brasil. No entanto, as vendas não foram boas e as cotações recuaram naquele período. Mas, nos meses seguintes, os preços se recuperaram. Na média da safra (abril a novembro), a *palmer* foi negociada a R\$ 1,48/kg. O reconhecimento da manga do norte de Minas no mercado interno tem incentivado produtores a obter certificados para exportação, como o GLOBALG.A.P., e expandir os negócios.

Apesar de problemas na produção, Vale do São Francisco fecha no azul

No Vale do São Francisco, 2014 começou com volumes limitados de manga. Devido ao forte calor durante o último semestre de 2013, o desenvolvimento das flores foi prejudicado, reduzindo a oferta em cerca de 30% na comparação com o que era esperado

em abril. As atividades de campo foram intensificadas apenas em maio, com outras praças também ofertando. Diferente de Minas Gerais, produtores do Vale não programaram as induções florais para colher durante a Copa do Mundo, esperando menor demanda e dificuldades com a logística. Mesmo assim, houve reflexos negativos quanto à comercialização naquele período. No final do ano, os preços tornaram a recuar, visto que a oferta de *tommy* do Vale coincide com a de SP. De janeiro a novembro, o preço médio da *tommy* foi de R\$ 0,98/kg e, o da *palmer*, R\$ 1,35/kg. O volume ofertado pelo Vale neste final de ano é reduzido, com previsão de aumento para 2015. De modo geral, muitos produtores estão preocupados com o comportamento das chuvas em 2015 e seus reflexos na produção.

Manga é a fruta que mais deve gerar receita com exportações em 2014

Com problemas nas safras brasileiras de maçã, uva e melão neste ano, a manga deve ser a fruta mais exportada em 2014, em termos de receita. De janeiro a novembro, o volume de manga

exportado foi de 120,3 mil toneladas, 8% superior a 2013. Em receita, o montante soma US\$ 146,5 milhões, 9,1% superior na mesma comparação. A segunda fruta que mais trouxe divisas para o País foi o melão (US\$ 124,6 milhões), seguido dos limões (US\$ 87 milhões), segundo a Secex. Apesar do avanço da receita obtida com os embarques de manga, o desempenho tem sido considerado fraco neste ano. O Vale do São Francisco teve produção reduzida devido às adversidades climáticas. Além disso, com a forte concorrência da Costa do Marfim e outros países africanos, o mercado brasileiro ficou mais atrativo para alguns exportadores. No segundo semestre, a expectativa era de que houvesse maior oferta e aumento nas exportações, sobretudo em agosto. Porém, como a concentração de oferta no Vale se deslocou para outubro, coincidiu com os embarques do Equador. Os cenários podem melhorar em 2015, com a recuperação da safra do Vale e o interesse do Norte de Minas Gerais em exportar.

ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - MANGA*

*As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado.

Região	Praças de Coleta	Área plantada (ha)		
		2013	2014	Varição (%)
Petrolina (PE) e Juazeiro (BA) ¹	Petrolina e Juazeiro	25.000	25.750	3,0%
Livramento de Nossa Senhora (BA)	Livramento de Nossa Senhora e Dom Basílio	11.750	10.035	-14,6%
Monte Alto e Taquaritinga (SP) ²	Monte Alto, Vista Alegre do Alto, Taquaritinga, Cândido Rodrigues, Fernando Prestes, Taiacu e Itápolis	7.382	6.903	-6,5%
Andradina (SP)	Valparaíso, Mirandópolis, Andradina, Guaraçai e Muritinga do Sul	655	659	0,6%
Jaíba e Janaúba (MG)	Jaíba, Janaúba e Montes Claros	5.100	5.457	7,0%

¹ Os dados referentes ao plantio em Petrolina e Juazeiro consideram a área pública do perímetro irrigado do Codevasf e a área privada.

² Em maio de 2014, a área de Monte Alto/Taquaritinga (SP) foi recalculada considerando-se o adensamento médio de 40 m²/planta (tanto área nova quanto em produção). De 2010 a 2013, era considerado adensamento de 40 m²/planta nova e 50 m²/planta em produção. Até 2009, a média era de 190 plantas/ha.

Fonte: Agentes de mercado consultados pelo Cepea.

CLIMA ADVERSO AFETA DESDE ÁREA ATÉ EXPORTAÇÕES EM 2014

Números do mercado de uva em 2014

-35%

Queda nas exportações brasileiras de uva em 2014 (jan-nov)

80%

Volume de uva estocado, superior ao estratégico das indústrias (lbravin)

20%

Quebra de safra no Vale no segundo semestre frente ao mesmo período de 2013

-28%

Queda na produtividade média da uva Itália no Norte do PR durante safra temporã (abr-jul) frente a 2013

Clima, baixa rentabilidade e outras culturas reduzem área em 2014

A área plantada com uva de mesa teve pequena redução neste ano (-0,3%) indo para 24.894 hectares, após já ter diminuído em 2013. O cenário deste ano é resultado de prejuízos à cultura nos estados de Minas Gerais e Paraná. As geadas que atingiram as regiões paranaenses de Marialva e do Norte no ano passado e as safras seguidas com resultados pouco satisfatórios levaram à redução de área a até à substituição por outras culturas no estado. Em Pirapora (MG), também houve queda neste ano, pois, apesar dos bons preços nas últimas temporadas, a viticultura tem cedido espaço para outras atividades como banana e laranja, por exemplo. Na região de Campinas (SP), a pressão imobiliária e a falta de mão de obra dificultam a ampliação da cultura. Já no Vale do São Francisco, a área ficou estável, mas os produtores estão trocando as variedades por outras trazidas da Califórnia (EUA) e da África do Sul. O objetivo dos nordestinos é ter uvas mais resistentes à chuva e colher a fruta durante todo o ano, otimizando a mão de obra. Apenas na região de Porto Feliz (SP) foi observado um aumento de área, uma vez que produtores tiveram maior acesso a crédito rural, como o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), que possibilitou novos investimentos em 2014. Para 2015, a expectativa de agentes é de que a área total com uva de mesa possa cair novamente, principalmente no Paraná. Porém, os resultados da safra de uvas finas de final de ano dos produtores paranaenses serão determinantes para definir melhor esse cenário.

Safra temporã do PR: rentabilidade positiva para niagara e negativa para finas

Apesar do otimismo dos produtores de uvas finas do Paraná quanto à safra de final de ano, a produtividade pode ser menor frente à de 2013 devido aos ventos frios durante o período de brotação. Produtores de Marialva e do Norte do Paraná passaram por uma safra temporã com rentabilidade negativa, e os resultados da temporada de final de ano serão determinantes para a decisão de manter os parreirais ou reduzir ainda mais a área em 2015. A qualidade pouco satisfatória, com bagas pequenas e azedas, e maior oferta, desvalorizaram a uva fina do PR na safra temporã (de abril a julho). Assim, o preço médio da uva Itália em Marialva, ponderado pela quantidade de uva colhida em cada mês foi de R\$ 1,75/kg, valor 5% inferior ao custo médio de produção estimado pelos produtores locais. A produtividade média da Itália no Norte paranaense foi de 16 toneladas/hectare durante a safra temporã, volume 28% menor que o de 2013. Já a situação para uva rústica (niagara) em Rosário do Ivaí (PR) tem sido mais otimista. Além de ter apresentado uma oferta mais escalonada durante a safra temporã, a qualidade da niagara paranaense foi considerada bastante satisfatória. O preço médio de venda entre maio e julho foi de R\$ 2,98/kg, valor 25% superior ao de 2013 e 70% maior que o custo médio de produção.

Oferta escalonada e qualidade garantem bons preços em Jales e Pirapora

A safra nas regiões de Jales (SP) e de Pirapora (MG) apresentou rentabilidade unitária positiva por mais um ano.

Melancias
de excelente
produtividade
para os mais
exigentes
mercados



Verena

Melancia Híbrido **F1**

Destaques:

Uniformidade e coloração



Vivian

Melancia Híbrido **F1**

Destaques:

Coloração interna
e formato redondo



Granada

Melancia Híbrido **F1**

Destaques:

Tamanho dos frutos e
cobertura foliar

 **FELTRIN**[®]
SEMENTES

(54) 2109.4400 | www.sementesfeltrin.com.br



Felipe Vitti de Oliveira
é analista de mercado de uva.
Entre em contato:

[hfuv@usp.br](mailto:hfuva@usp.br)

Com a influência da seca e do calor excessivo, os parreirais apresentaram uma produtividade menor que o potencial este ano para a Itália, 11% a menos em MG e 8%, em Jales. Com a oferta mais escalonada e a fruta apresentando boa qualidade, o preço médio pago pela uva Niagara entre julho e novembro foi de R\$ 3,63/kg na praça paulista e R\$ 4,94/kg na praça mineira. A rentabilidade dessa safra deve ser revertida em melhores tratamentos culturais e em troca do sistema de condução para o "Y", sobretudo em Jales. O sistema "Y" requer menos mão de obra, diminuindo os custos, além de possibilitar uma maior produtividade. Além dessas regiões, outras praças, como Campinas, também têm optado pelo "Y". A previsão é de que ambas as regiões iniciem suas respectivas podas de formação no início de dezembro, podendo durar até o começo de janeiro, e a colheita se inicie em meados de julho/15.

Valores ficam até 108% acima dos custos em SP, possibilitando investimentos

As regiões paulistas produtoras de uva de Campinas, São Miguel Arcanjo, Porto Feliz e Pilar do Sul registraram rentabilidade unitária positiva em suas respectivas safras de final de ano (2013/14) e temporã. Com qualidade considerada satisfatória e sem muito excesso de oferta, os preços médios pagos aos viticultores foram superiores aos custos de produção. Em São Miguel Arcanjo, a uva Niagara foi comercializada a R\$ 2,66/kg, entre janeiro a abril, valor 108% maior que o custo estimado por produtores para cobrir os gastos com a cultura. Mais capita-

lizados, produtores dessas praças estão otimistas quanto à temporada de final de ano, investindo em tratamentos culturais para manter a qualidade e a rentabilidade neste final de 2014. A região de Campinas iniciou sua safra de final de ano na última semana de novembro, enquanto que São Miguel e Pilar do Sul devem iniciar suas respectivas safras mais pro final de dezembro. Já em relação à safra de Porto Feliz, esta iniciou em meados de novembro, mas, apenas no início de dezembro a quantidade colhida tornou-se mais significativa.

Após menor produção, indústria está otimista para 2015

A safra de uva industrial no Sul começou em fevereiro e se estendeu até abril deste ano, com resultados menores que os de 2013. Estimativas do Ibravin (Instituto Brasileiro do Vinho) indicam uma colheita de 602,5 milhões de quilos, 1,4% inferior à anterior. A diminuição se deu porque os vinhedos gaúchos foram atingidos por granizo e ventos fortes no início do ano. Ainda assim, os estoques de vinho da região estão elevados. Segundo agentes do Instituto, o ideal é manter um total de 150 milhões de litros de vinho em estoque, mas as reservas atuais estão 80% superiores a este volume – 270 milhões de litros. O volume de vendas de vinhos nacionais, em litros, diminuiu 1,46% em 2014 frente a 2013 na parcial de janeiro a outubro – dados Ibravin. Já para o suco de uva houve aumento de 13,69% na mesma comparação. No geral, a indústria está um pouco mais otimista quanto à qualidade em 2015, principalmente porque as

chuvas no Sul no final deste ano não prejudicaram os parreirais, e a expectativa é que a próxima safra apresente bons resultados. A previsão de agentes é de que a safra inicie em meados de fevereiro/15 e possa se estender até abril.

Quebra de safra no Vale pode se repetir no ano que vem

Com o excesso de chuva durante o período de brotação, a safra do segundo semestre do Vale do São Francisco (BA/PE) sofreu uma quebra de 20% em média frente à de 2013. Entretanto, alguns viticultores consultados pelo Hortifruti/Cepea informaram que as perdas atingiram até 40% em algumas propriedades. Com a oferta menor, as cotações no Vale estão mais remuneradoras. Para a uva Itália embalada, de julho a novembro, o preço médio de comercialização foi de R\$ 2,48/kg, valor 19% maior ao do ano anterior. Além de elevar os valores domésticos, a quebra de safra diminuiu a quantidade de uva a ser exportada, pressionando os embarques em 2014 – a região é responsável pela maioria dos envios brasileiros da fruta ao exterior. Além disso, viticultores estão receosos em relação a uma nova quebra para a safra de primeiro semestre/15. Isso porque o calor excessivo que atingiu os parreirais no final de 2014 pode resultar em um potencial produtivo menor. Se a previsão se confirmar, agentes esperam que haja um maior espaço para a uva importada no primeiro semestre, podendo oferecer concorrência maior às regiões que estiverem ofertando no período, principalmente as temporãs do Paraná e das regiões paulistas.



A empresa que
enxergou o futuro.

Crescer com os próprios méritos: é isso que a FMC tem feito ao longo de suas 4 décadas de história no Brasil. Escutou o produtor quando foi preciso, inovou quando achou necessário e cresceu junto com o mercado quando viu oportunidades. Se a vida começa aos quarenta, começamos bem.

FMC 40 anos. Conectados ao campo. Ligados pela agricultura.

FMC



Exportadores esperam recuo nos envios em 2014

As exportações brasileiras de uva devem finalizar o ano com um volume inferior ao de 2013. Na parcial de 2014 (janeiro a novembro), o País enviou para todos os destinos pouco mais de 27 mil toneladas de uva, 35% a menos na comparação com o mesmo período de 2013, segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex). Um dos fatores para a queda é o estreitamento da janela de exportação brasileira, já que a África do Sul está cada vez mais adiantando sua colheita e assim aumentando a concorrência pelos mercados consumidores da União Europeia. Informações dos portais *Fresh Plaza* e *Fresh Fruit* indicaram que a safra 2014/15 sul-africana se iniciou uma semana antes do previsto inicialmente, com perspectiva de um volume até 7% maior frente ao da temporada anterior. Além disso, a Califórnia está atrasando sua temporada a cada ano, competindo com o Brasil pelo mercado norte-americano. Outro fator foi o embargo imposto pela Rússia, impedindo as compras de frutas dos EUA, UE, Austrália, Canadá e Noruega, o que elevou a disponibilidade de uva no continente

européu e diminui a demanda pela fruta brasileira. Internamente, os embarques também foram prejudicados pela queda de safra no Vale do São Francisco (BA/PE) no segundo semestre de 2014. A previsão de agentes é que em 2015 as exportações brasileiras de uva continuem com competição acirrada de outros países. Dessa forma, torna-se cada vez mais importante os testes com novas variedades de uva, que tenham demanda internacional, para tornar o Brasil mais competitivo.

Embargo russo favorece importações no segundo semestre

O embargo imposto pela Rússia não apenas prejudicou as exportações brasileiras, mas também favoreceu as importações de uva em 2014 pelo Brasil. Isso porque, como grandes produtores da fruta da Europa ficaram proibidos de enviar sua uva aos russos, tiveram que optar por escoar sua produção a outros mercados, dentre eles o brasileiro. No segundo semestre, quando historicamente as importações praticamente pararam, neste ano, a Espanha aumentou em

84,1% seus envios ao Brasil em volume, em comparação a 2013 – dados Secex, parcial de julho a novembro. Porém, até o início de dezembro, agentes consultados pelo Cepea informaram que o aumento na oferta de uva importada não afetou as cotações da uva brasileira no mercado interno. Isso porque, além de a fruta importada chegar mais cara, a qualidade é considerada pouco satisfatória, influenciada por fatores climáticos na Europa. Ainda assim, até novembro/14, as importações brasileiras de uva totalizaram pouco mais de 31 mil toneladas, volume 0,4% menor em comparação ao mesmo período de 2013, influenciada pela queda drástica dos envios da Argentina ao Brasil no primeiro semestre. O Chile continuou sendo o maior fornecedor da fruta, correspondendo a 82% do total. A Argentina reduziu seus envios em mais de 57% em 2014, pois, além da obrigação da pulverização com brometo de metila, que prejudicou a qualidade, geadas reduziram o volume de uva colhido no país vizinho. Entretanto, apesar de ainda ser cedo para mensurar, notícias veiculadas pelo *Fresh Plaza* já indicam uma recuperação dos parreirais para a safra 2015 da Argentina.

ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - UVA*

*As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são consideradas as principais referências de mercado.

Região	Praças de Coleta	Variedade	Área plantada (ha)		
			2013	2014	Varição (%)
Petrolina (PE) e Juazeiro (BA)	Petrolina e Juazeiro	uva fina	11.700	11.700	0,0%
Pirapora (MG)	Pirapora, Várzea da Palma, Buritizeiro e Lassance	uva fina e niagara	162	140	-13,6%
Jales (SP)	Jales, Palmeira D'Oeste, Urânia e São Francisco	uva fina e niagara	701	701	0,0%
Pilar do Sul (SP)	Pilar do Sul	uva fina	600	600	0,0%
São Miguel Arcanjo (SP)	São Miguel Arcanjo	uva fina e niagara	1.650	1.650	0,0%
Campinas (SP)	Louveira, Indaiatuba, Jundiá, Campinas, Itupeva, Elias Fausto, Vinhedo, Itatiba, Monte Mor, Valinhos e Jarinu	uva niagara	4.503	4.503	0,0%
Porto Feliz (SP)	Porto Feliz	uva niagara	465	700	50,5%
Paraná	Região de Maringá - 29 municípios, incluindo Marialva, região de Cornélio Procópio e de Ivaiporã	uva fina e niagara	5.199	4.900	-5,8%
Região de Maringá (PR)	Marialva	uva fina e niagara	1.300	1.000	-23,1%
Região de Cornélio Procópio (PR)	Uraí, Assaí e Bandeirantes	uva fina e niagara	694	600	-13,5%
Região de Ivaiporã (PR)	Rosário do Ivaí	uva niagara	160	160	0,0%

Fonte: Agentes de mercado consultados pelo Cepea.

Na teoria,
a tecnologia
do futuro.
Na prática,
maior proteção
e qualidade hoje.



TUCARÉ - CDM São Paulo

A força da natureza a favor da qualidade.

Serenade é o fungicida e bactericida biológico da Bayer. Com formulação diferenciada, pronta para o uso e de fácil manejo, além de controlar efetivamente as doenças, Serenade ativa a defesa das plantas melhorando o desenvolvimento e a sanidade e produzindo frutas e hortaliças sem resíduos, com alta qualidade e mais saudáveis. Serenade possui carência zero, permitindo maior flexibilidade entre a aplicação e a colheita. Adicionar Serenade ao seu manejo é ter carência zero e qualidade máxima.

Serenade.
Eficiência sem carência.

ATENÇÃO

Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

**CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRONÔMICO**



Faça o Manejo Integrado de Pragas.
Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos.
Uso exclusivamente agrícola.



Bayer CropScience

Se é Bayer, é bom

AgCelence®
Sua lavoura pode mais

MELHOR QUALIDADE
Collis®

MAIOR GRAU BRUX
Cabrio® Top

**SUA UVA TURBINADA,
DE COLHEITA A COLHEITA.**

☎ 0800 0192 500

www.agro.basf.com.br

Aplique somente as doses recomendadas. Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos. Inclua outros métodos de controle dentro do programa do Manejo Integrado de Pragas (MIP) quando disponíveis e apropriados. Uso exclusivamente agrícola. Registro MAPA: Collis® nº 1804 e Cabrio Top® nº 1303.

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRONÔMICO.



Sistema AgCelence Uva

BASF
The Chemical Company



Linha de Alfaces Topseed Premium.

Alta tecnologia em uma linha completa.

TOPSEED
Premium
TECNOLOGIA EM SEMENTES

Mala Direta Postal

Básica

0000/2012 - DR/XXYY
Cliente

...CORREIOS...

IMPRESSO

Uma publicação do CEPEA USP/ESALQ

Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)

Tel: 19 3429.8808 - Fax: 19 3429.8829

e-mail: hfcepea@usp.br

Conheça algumas das nossas variedades:



● Alface Crespa
Camila



● Alface Lisa
Regina 500

NOVA studio



● Alface Romana
Bonnie



● Alface Mimosa
Imperial



● Alface Mimosa
**Imperial
Roxa**



● Alface Roxa
Red Star

TOPSEED
Premium
TECNOLOGIA EM SEMENTES

Tel.: 24 2222-9000

Acesse nosso novo portal
www.agristar.com.br



Muito mais que uma publicação, a **Hortifruti Brasil** é o resultado de pesquisas de mercado desenvolvidas pela Equipe Hortifruti do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da Esalq/USP.

As informações são coletadas através do contato direto com aqueles que movimentam a hortifruticultura nacional: produtores, atacadistas, exportadores etc. Esses dados passam pelo criterioso exame de nossos pesquisadores, que elaboram as diversas análises da **Hortifruti Brasil**.

Uma publicação do CEPEA – ESALQ/USP
Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)
tel: (19) 3429.8808 Fax: (19) 3429.8829
E-mail: hfcepa@usp.br
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil